UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

JOELSON PEREIRA DA SILVA

PISADA DO CORAÇÃO: ENSINO DOS MESTRES DE CAVALO MARINHO DAS CIDADES DE PEDRAS DE FOGO E ITAMBÉ (PB/PE)

JOÃO PESSOA

2020

JOELSON PEREIRA DA SILVA

PISADA DO CORAÇÃO: ENSINO DOS MESTRES DAS CIDADES DE CAVALO MARINHO PEDRAS DE FOGO E ITAMBÉ (PB/PE)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Valéria Ramos Vicente.

JOÃO PESSOA

2020

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Joelson Pereira da.
PISADA DO CORAÇÃO: ENSINO DOS MESTRES DE CAVALO MARINHO DAS CIDADES DE PEDRAS DE FOGO E ITAMBÉ (PB/PE) / Joelson Pereira da Silva. - João Pessoa, 2020.
80 f. : il.

Orientação: Prof Dra Ana Valéria Ramos Vicente.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Cavalo Marinho.Transmissão.Cultura Popular.Teatro. I. Vicente, Prof Dra Ana Valéria Ramos. II. Título.

UFPB/CCTA

JOELSON PEREIRA DA SILVA

PISADA DO CORAÇÃO: ENSINO DOS MESTRES DE CAVALO MARINHO DAS CIDADES DE PEDRAS DE FOGO E ITAMBÉ (PB/PE)

Aprovado em: __07___/__04___/_2020_____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: **Profª. Dra. Ana Valéria Ramos Vicente**

(Examinador I): **Profª. Dra. Carolina Dias Laranjeira**

(Examinador II): **Profª. Dra. Lucia Serpa**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a todas as forças que regem o universo e a cada ser que vê de uma forma: Deus, Orixás e os espíritos de luz, os guardiões que sempre estiveram por perto guiando essa jornada acadêmica.

À minha orientadora, Valéria Vicente, por me acolher e me ajudar a superar os meus traumas da escrita e a minha dislexia, estando sempre presente em qualquer momento, quando necessário, mostrando caminhos e possibilidades para superar todos os meus obstáculos. Com a paciência de uma grande Mestra do universo da cultura popular orientou o seu discípulo a partir de suas experiências de vida.

À Prof.ª. Dra. Carolina Dias Laranjeira e à Prof.ª. Dra. Lucia Serpa, por compor a minha banca e por suas contribuições com os olhares sutis e perspicazes em suas orientações, nas minhas duas pré-bancas, norteando-me para este caminho.

À Tereza Justino Ferreira, minha mãe, por sempre acreditar na minha educação. Muitas vezes, vendendo seus picolés para comprar material de estudo para que eu não parasse de estudar e pudesse seguir os meus sonhos e estudos, além de suas palavras amorosas com exemplo de apoio. Também a agradeço pelas vezes que cuidou do meu filho para que pudesse terminar esta etapa dos estudos acadêmicos, minha graduação em Licenciatura em Teatro.

À Manuel Justino Ferreira, meu tio, que nunca foi a uma escola, mas sempre acreditou que nela está guardado o meu futuro. Além de apoiar-me a não deixar nunca ninguém diminuir minha arte.

À Severina Maria da Conceição, minha tia, por sempre cuidar da minha espiritualidade no Candomblé e na Umbanda, me dando força para seguir em frente e orientando para respeitar todas as pessoas e suas religiões.

À Joselito Pereira da Silva e José Fred Pereira da Silva, meus irmãos, que mesmo com os seus pensamentos controversos, na minha formação, sempre me apoiaram nas minhas escolhas. Sempre trabalhando, desde cedo para dar todo suporte e conforto a mim e para que eu pudesse chegar à universidade e ainda mais, desenvolver minha arte.

Ao meu pai Geraldo Pereira da Silva (*in memorian*) por nunca ter deixado nem eu e nem os meus irmãos trabalhar na infância, fazendo de tudo para nos dar o melhor, para que pudéssemos terminar o ensino médio, e assim escolher o que nós queríamos ser. Onde quer que esteja está sentindo muito orgulho de mim, pois o seu grande sonho era ver um de seus filhos graduado pela universidade.

À Simone Aparecida da Silva, minha companheira, pelos carinhos e as suas palavras de inspiração que sempre foram forças, entendendo que nós somos como passarinhos que devemos ser livres para voar e se gostarmos do aconchego iremos sempre voltar para o ninho. E ao nosso lindo filhinho Miguel Lucas Pereira da Silva, inspiração para que nunca desista dos sonhos, pois quem dá limite a eles somos nós mesmos.

A João Tavares da Silva e Pedro Luiz da Silva Filho, Mestres de Cavalo Marinho, pela generosidade de compartilhar os seus conhecimentos para construção desse documento importante na minha graduação. E a todos os Mestres do presente e do passado como: Mestre João Araújo, Mestre Tontonho Toadeiro, Mestre Luiz Miguel, Mestre Duda Bilau (*in memorian)*, Mestre Lelé (*in memorian)*, Mestres Joel da Rabeca (*in memorian)* e todos os antepassados que ensinaram essa arte revolucionária que atravessou o tempo e história até nós.

Aos Cavalo Marinho Boi de Ouro e o Cavalo Marinho Boi Maneiro, que são duas grandes escolas na cidade limítrofe, Pedra de Fogo e Itambé (PB/PE), dando vida à cultura local com sua brincadeira.

À Vladimir Santiago, meu amigo e irmão de arte, que no final da graduação acolheu-me em sua casa, me dando suporte para continuar a caminhada, para que eu não desistisse.

À Emanuel Jorge de Oliveira, professor e cordelista por suas contribuições nessa minha produção acadêmica e científica.

Ao Grupo Quem Tem Boca é Pra Gritar, uma grande escola do teatro de Rua da Paraíba, que aprimorou os meus conhecimentos em torno do fazer artístico e o respeito um com o outro, nele construí grandes amizades para todos os momentos da minha, bons ou ruins, amizade essa com: Humberto Lopes; Mirthya Guimarães; João Paulo; Cleiton Teixeira; Maycon Nascimento; Artur Lopes; Luiza Vieira; Rogério Ferreira e Raissala Bezerra.

A CIA de Artes Saltimbancos, grupo formado pelos alunos de licenciatura e bacharelado em teatro, dentro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) criado em 2014, que experimenta práticas pedagógicas dentro da cena do Teatro Infantil, no intuito de formação de plateia infantil.

Agradeço aos amigos e amigas, Ademilton Barros, Vieira Lima, Genilson Lima, Carla Iza, (por ter feito minha matrícula na universidade) Ricelly Sousa, Jofran de Carvalho, Geibison Nunes, Thaismary Ribeiro, Neto Ribeiro, Hugo Ribeiro, Lívya Meneses e Alys Gardênia pelo o apoio e palavras incentivadoras que me instigaram a seguir em frente.

A todo corpo docente do curso por serem tão humanos, presentes, acolhedores e sempre me darem o suporte necessário durante o curso.

Aos meus colegas de turma, aos que passaram e aos que ficaram, por tudo o que construímos juntos.

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Pisada do Coração: Ensino dos Mestres de Cavalo Marinho da cidade de Pedras de Fogo e Itambé(PB/PE)”, objetiva estudar os métodos de transmissão e ensino do conhecimento em torno do Cavalo Marinho, partindo da vivência de dois Mestres: Mestre Pinto, do Cavalo Marinho Boi Maneiro e contra mestre do Cavalo Marinho Boi de Ouro e ao Mestre Pedro Luiz, do Cavalo Marinho Boi Maneiro. Todos vieram da mesma linhagem de ensino, só que cada um traz particularidades na sua vivência. A partir da observação e vivência das práticas de ensino, apresentamos três olhares na transmissão do Cavalo Marinho que abarcam o ensino informal, o não formal e o formal, sendo esta última, um relato de minhas experiências junto à Escola Pública em meu estágio curricular. A abordagem metodológica se deu a partir de pesquisa de campo, participação em oficinas e entrevistas com os participantes do Cavalo Marinho. No primeiro capítulo discutimos o Cavalo Marinho relacionando à bibliografia com o conhecimento dos Mestres de Pedras de Fogo e Itambé; no segundo, apresentamos a vida e trajetória dos mestres estudados, buscando dialogar com os mestres e as teorias na prática de ensino e socialização, finalizamos com o terceiro capítulo com a apresentação das práticas dos Mestre no ensino e transmissão da três vertentes citados e da inserção desses saberes na minha prática docente na residência pedagógica.

Palavras-chave: Cavalo Marinho. Transmissão. Cultura Popular. Teatro.

ABSTRACT

The work presented entitled “Pisada do Coração: Ensino dos Mestres de Cavalo Marinho da cidade de Pedras de Fogo e Itambé(PB/PE)”, aims to study the methods of transmission and teaching of knowledge around the Cavalo Marinho, through the experience of two Masters: Mestre Pinto, of the Cavalo Marinho Boi Maneiro and Contra Mestre of the Cavalo Marinho Boi de Ouro; and Mestre Pedro Luiz, of the Cavalo Marinho Boi Maneiro. Both came from the same lineage of teaching, but each one brings particularities in his experience. Through the observation and experience of teaching practices we present three perspectives in the transmission of the Cavalo Marinho that encompass informal, non-formal and formal teaching. The last one being the author's experience report with the Public School in his curricular stage. Methodological approach was based on field research and interviews with social agents. In the first chapter we discuss the Cavalo Marinho associating the bibliography with the knowledge of the Masters from Pedras de Fogo e Itambé; in the second one, we present the life and trajectory of the Masters studied. Trying to dialogue with masters and theories in the practice of teaching and socialization, we conclude with the presentation of their teaching and transmission practices.

Keyword: CavaloMarinho.Transmission.Popular Culture.Performing Arts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cavalo Marinho Boi Mineiro os velhos folgazões e novos, apresentação dezembro, 2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 25

Figura 2 – Mestre Pinto, dezembro/2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 27

Figura 3 – Mestre Pedro Luiz, mestre Joel da rabeca, mestre Lelé e Totonho, na última homenagem ao mestre Lelé em vida na sua casa. Março/2014 -**Fonte**: Arquivo pessoal do autor 25

Figura 4 – Mestre Pinto ensinando o trançado na dança dos "aico". Abril/2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 42

Figura 5 – Banco do Cavalo Marinho Boi Mineiro em uma apresentação do Bairro do Maracujá em Itambé-PE, mestre Pinto atrás do banco esperando os folgazões. Dezembro/2018 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 44

Figura 6 – Métodos de ensinar as pisadas utilizado pelo mestre Pedro. Novembro/2018 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 51

Figura 7 – Estrutura da formação do Cavalo Marinho utilizada pelo mestre Pedro. Dezembro/2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 51

Figura 8 – Mestre Pedro Luiz aplicando a dança dos aicos (arcos) no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Outubro/2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor 52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 CAVALO MARINHO: BRINCADEIRA E DEFINIÇÕES 16

2 OS MESTRES DOS CAVALOS MARINHOS DAS CIDADES DE ITAMBÉ-PE E PEDRAS DE FOGO-PB. 25

2.1 MESTRE PINTO 27

2.2 MESTRE PEDRO LUIZ 31

3 AS METODOLOGIAS DE ENSINO DO CAVALO MARINHO 38

3.1 MÉTODOS DE ENSINO DO MESTRE PINTO TRANSMITIR O CAVALO MARINHO 41

3.2 ENSINO DO MESTRE PEDRO LUIZ: TRANSMISSÃO DO CAVALO MARINHO 47

3.3 ENSINO DO CAVALO MARINHO: EXPERIÊNCIA DE SALA DE AULA DO ENSINO FORMAL 53

CONCLUSÃO 57

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 60

ANEXOS 62

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o intuito de registrar a história dos mestres de Cavalo Marinho de Pedras de Fogo/Itambé e refletir sobre seus métodos de ensino dessa cultura. A realização desse trabalho se deu a partir de entrevistas com os mestres abordados: Mestre Pinto, do cavalo Marinho Boi Maneiro, que tem como dono Pedro Luiz e o próprio Pedro Luiz que é o provável futuro mestre do Cavalo Marinho Boi Maneiro. Infelizmente, por motivos que esclarecerei posteriormente, não foi possível entrevistar Luís Miguel do Cavalo Marinho Boi de Ouro, cujo dono é mestre João.

Antes de começar a transcrever minhas experiências sobre a pesquisa em torno dos ensinamentos desses mestres, gostaria de usar uma das falas do Capitão do Cavalo Marinho, "Primeiro do que tudo e antes de mais nada" para localizar o desafio que enfrentei. Tenho sintomas de dislexia e por isso foi um grande desafio relatar as minhas experiências na linguagem formal, tendo descoberto os sintomas já quando estava dentro do Curso de Licenciatura em Teatro, onde fui incentivado a ir em frente na minha formação acadêmica.

Em linhas gerais, Cavalo Marinho é uma "brincadeira[1]"que no seu formato de apresentação traz o teatro, dança, música e poesia, como apontado no Dossiê Inventário Nacional de Registro Cultural (INRC), um documento nacional que certificou o Cavalo Marinho como patrimonial nacional artístico e imaterial da cultura brasileira. Na "brincadeira" podemos ver, o "ato de atuar, dançar, dramatizar, cantar e dizer loas" (Dossiê, 2014, p.49). Entre todos esses elementos existem dois momentos de cunho religioso: a louvação aos Santos Reis e o ritual que traz o caboclo de Orubá (em alguns Cavalo Marinho chamado Caboclo de Pena).

Sobre a quantidade de figuras (personagem) que existe no Cavalo Marinho os números podem passar dos 76 personagem (figuras), em que os mestres distribuem em três categorias: humana (Capitão, Mateus, Bastião, Soldado da Guarita, Mané do Baile, Valentão, Pisa Pilão, Varre Rua, entre outras), fantástica (Mestre Ambrósio, Caboclo de Orubá, Parece mas não é, Morte, Diabo, Babau, Jaraguá, Mané Pequenino, entre outras) e animal (Boi, Cavalo, Ema, Onça e Burra).

As apresentações acontecem junto com o ciclo de festejo natalino. Entretanto, algumas dessas brincadeiras começam a se apresentar (brincar) nos seus terreiros e em eventos

[1]"Brincadeira" vem de "Brinquedo", pois tem uma relação de se divertir/brincar. Essa é forma que os participantes reconhecem o seu Cavalo Marinho, pois o vêem como uma brincadeira em hora de lazer ou nas suas folgas. Muitas vezes no seu discurso em relação a sua manifestação popular nomeiam como "meu brinquedo".

comemorativos da cidade e região, nos meses de julho a janeiro (festas de São João, São Pedro, Sábado de Santana, dia Folclore, Natal, Ano-Novo e Dia de Reis).

O Cavalo Marinho tem conexão com o trabalho da cana-de-açúcar e é importante destacar a sua relação com a escravidão pois, “as narrativas dos brincadores e mestres mais antigos trazem o nascimento do brinquedo como obra dos escravos, uma brincadeira do tempo das senzalas” (DOSSIÊ IRC DO CAVALO MARINHO, 2014, p.54).

Passado de geração para geração, é formado em sua maioria por trabalhadores rurais não alfabetizados que veem a Manifestação como uma forma de “Brincadeira” em hora de lazer. Mas com o avanço tecnológico, (celulares, computadores, cinema etc.), há certo desinteresse pela prática do “Brinquedo” Cavalo Marinho e de outros como Ciranda, Coco de Roda, Maracatu, Frevo e tantas outras manifestações culturais espalhadas pelo Brasil.

Com o advento e ao mesmo tempo, o avanço da cultura de massa e da tecnologia, a prática dessas brincadeiras, particularmente, o Cavalo Marinho, não mais tiveram a mesma adesão, comparada a séculos anteriores, consequentemente, essa cultura de massa, acabou afastando as crianças e os jovens do século XX e XXI dessas brincadeira, gerando neles um pensamento de que elas são ou eram coisa para velhos e fora da moda. Suas roupas, suas movimentações e suas indumentárias passaram a ser rejeitados pelos próprios filhos dos Folgazões e Mestres, e por alguns jovens da comunidade que já não mais se vêem fazendo parte do Cavalo Marinho.

Muitos desses Grupos populares foram extintos, consequência dessa falta de valorização e continuação dessa arte, tanto pela própria comunidade como também pelas políticas governamentais, que não os valorizam como eles merecem. Porém, ainda há instituições e movimentos civis que os reconhecem e os promovem, certificando de sua grandeza artística e cultural, além da preocupação de ver o seu brinquedo, que veio dos seus ancestrais, desaparecer.

Ao perceber que essa gama de conhecimento estava prestse a desaparecer foram construídas estratégias de preservação. Juntavam-se alguns jovens e outros senhores mais velhos que gostavam da brincadeira e marcavam com um morador, uma apresentação de quarenta e cinco minutos em frente à sua casa, nas noites de sábados, e nessa sambada convidava um Mestre para orientar e ensinar aos jovens. Além disso, nas Universidades começaram a surgir grupos de pesquisa que geraram oficinas, oficineiros e pesquisadores do “Brinquedo”.

Os Cavalos Marinho das cidades Pedras de Fogo e Itambé (conhecidas como cidades gêmeas), atualmente são representados por três grupos: o “Boi de Ouro” do Mestre Araújo,

“brincadeira” essa criada em 1988; o “Boi Maneiro”, de Mestre Pinto, criado em 2012 e o “Boi de Prata”, criado em 2007. Este último surgiu a partir do Projeto Cavalo Marinho, que tem até hoje o intuito de proporcionar ações culturais junto às crianças da rede de ensino pública dessas duas cidades. Todos os três brinquedos citados acima carregam no seu fazer artístico características semelhantes, comuns a essa região e que se diferenciam em alguns aspectos dos outros Cavalos Marinho da Zona da Mata de Pernambuco.

Essa pesquisa vem trazendo uma reflexão em torno do processo de transmissão do Cavalo Marinho, que na sua forma original de ensinar e aprender, acontece de uma forma oral e através do ensino informal, que é um processo de conhecimento que o indivíduo adquire “habilidades”, “conhecimento”, “atitudes” e “valores ao longo da vida” (HENRINGER, 2014, 437).

Esta pesquisa de caráter qualitativo foi realizada através de entrevistas com os dois mestres citados, pesquisas de campo e por meio de pesquisa bibliográfica. O TCC está organizado nos seguintes tópicos:1. Cavalo Marinho, em que terei cuidado de fazer um relato, partindo das minhas experiências de dentro do brinquedo, relacionando a dados históricos pesquisados, por meio de outros pesquisadores e dialogando com os relatos históricos vividos no Cavalo Marinho trazidos nos depoimentos dos mestres, tentando esclarecer as maneiras e formas de brincar que ganharam outros sentidos nos tempos atuais; 2. Os mestres abordados, onde apresento suas histórias e seu primeiro contato com o universo do Cavalo Marinho, sua linhagem e o modo de repassar esse conhecimento popular através da dança, das expressões corporais e da forma oral e no último; 3. As metodologias de ensino – processos de transmissão, em que focarei em trazer os métodos e técnicas, utilizados para transmitir os seus conhecimentos em torno da dança (pisadas[2]), das poesias (loas), das toadas (música) e a corporeidade dos personagens (figura), a partir de três olhares dos ensinos informal, não formal e formal.

O ensino informal partindo das experiências contadas pelo Mestre Pinto e seu jeito de repassar o conhecimento a respeito do Cavalo Marinho no dia que acontece a “brincadeira”. O ensino não formal parte das oficinas e aulas ministradas pelo Mestre Pedro Luiz e suas explicações e observação das aulas ministradas no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) na secretaria de Ação Social da cidade de Itambé/PE. O ensino formal parte das minhas experiências nas aulas ministradas no projeto Residência Pedagógica em Teatro, na Escola Municipal de E. F. Castro Alves no bairro de Oitizeiro, em João Pessoa/PB.

[2]“pisadas” é o termo usado para chamar as danças/coreografias executadas no brinquedo.

O interesse de pesquisar Mestres de Cavalo Marinho da minha cidade vem do meu ponto de vista de pesquisador e brincador de Cavalo Marinho, pois entendo que eles trazem em seus métodos de transmitir o conhecimento do brinquedo, um jeito peculiar que vem dos Mestres que brincaram no passado e isso não está registrado.

Tenho contato com Cavalo Marinho desde muito jovem, pois o meu pai era banqueiro de um cassino, que para atrair os seus jogadores promovia eventos convidando manifestações populares localizadas na região. Desse período tenho algumas lembranças tanto do Cavalo Marinho como do Babau, porém só vim ter contato diretamente com o Cavalo Marinho em 2006, através de um projeto cultural chamado "Projeto Cavalo Marinho". Este projeto, promovido pela Secretaria de Cultura de Pedras de Fogo/PB, tinha como intuito resgatar e renovar os interesses dos jovens pelo brinquedo. Inicialmente entrei no projeto para aprender a mestrar um Cavalo Marinho e fiquei sendo mestre do "Boi de Prata", formado pelas crianças do Projeto.

Depois me identifiquei com a figura do Mateus e abri mão de mestrar o Cavalo Marinho para me tornar a figura do Bastião, vindo a brincar no Cavalo Marinho de Mestre Inácio Lucindo, junto com o Mateus Martelo[3]. Em 2012, Pedro Luiz resolveu montar um Cavalo Marinho, que era feito por alguns garotos que vinham do projeto, convidando o Mestre Pinto para mestrar. Naquele ano passei a ser o Mateus.

Antes de finalizar esta introdução, gostaria de deixar mais claro as explicações da minha motivação nessa pesquisa que denominei "Pisadas do Coração: Ensino dos Mestres de Cavalo Marinho das Cidade de Pedras de Fogo e Itambé". Ela começou no ano de 2019, quando participei de uma brincadeira do Cavalo Marinho Boi de Ouro, de Mestre João Venâncio Araújo, popularmente conhecido como Mestre João. O seu brinquedo apresenta-se em um festejo conhecido por todos como "Festa do Motorista", que acontece sempre no último sábado do mês de maio. Esta festa traz em sua tradição uma celebração de missas festivas ao santo católico São Cristóvão, padroeiro dos viajantes e peregrinos[4]. É uma semana de festividade finalizando no sábado com uma missa festiva, ao término se forma uma fila quilométrica de carros para serem benzidos pelo Pároco da cidade. Além dessa tradição de benzer carros, a festa reúne todos os brinquedos populares da cidade em uma praça no centro da cidade. O Cavalo Marinho do Mestre João e outros brinquedos como Capoeira, Ciranda e

[3]Mestre Mateus considerado na Zona da Mata Norte, importante figura social que levou seu jeito de brincar para o mundo todo, participando de filmes e documentários relacionados ao canavial, vindo a se tornar referência no Brasil como grande brincador de Cavalo Marinho.

[4]Santo católico em que segundo o calendário ortodoxo se celebra sua festa é 09 de maio, porém na cidade de Pedras de Fogo sempre é realizada no final do mês de maio.

Maracatu.se apresentam depois da missa para todos cidadãos da zona urbana e rural das duas cidades, que todos os anos construíram como hábito ir até à praça central e apreciar as manifestações culturais, que se fazem presentes no local.

Essas manifestações culturais acontecem em um verdadeiro caldeirão cultural, tudo acontecendo simultaneamente, muitas vezes, dividindo o espaço de uma brincadeira para outra, separadas só por cordões de pessoas que se aglomeram para ver. Em determinada hora da noite, as brincadeiras acontecem uma dentro da outra, não como afronta, mas como interação e dinâmica das próprias brincadeiras, realizada nesse festejo.

Participo dessa efervescência, costumo sempre brincar. Porém, o que inquietou-me para a produção da minha pesquisa foram comentários negativos de amigos e as posturas dos brincantes, sentindo-se desmotivados e desvalorizados em sua arte. A exemplo, uma dessas noites, vi um Cavalo Marinho com poucas pessoas, o Mestre João na Rabeca com a fisionomia de cansado, o Mestre Luiz Miguel, também já demonstrando cansaço, na sua dança, no seu jeito de tocar e passando o apito para o Mestre Pinto (Mestre do Cavalo Marinho Boi Maneiro e Contra Mestre do mesmo), e cinco folgazões com as figuras Mateus, Bastião e Catita também sem estímulos.

Além disso, tive que ouvir um amigo que já tinha sido brincante do Cavalo Marinho fazer o seguinte comentário: “tem futuro não! Não dá dinheiro e é uma coisa de velho”. Aquilo foi muito triste, porque ele participava, quando era garoto do Projeto Cavalo Marinho. Ao ouvir seu comentário, silenciei por alguns minutos, enquanto refletia nas imagens que surgiram de prazer e alegria na fisionomia dos Mestres, quando alguns jovens se aproximaram e começaram a dançar.

Em minutos, naquela noite, foram surgindo perguntas: Porque essa revolta e desvalorização na fala referente ao brinquedo Cavalo Marinho? E quando jovem, por que não perdia uma sambada de Cavalo Marinho? O que aconteceu na sua formação e construção do pensamento que gerou desvalorização deste bem cultural que é o Cavalo Marinho? Quais foram os motivos que o fez desistir de fazer parte de uma manifestação que fez parte de sua primeira infância até sua fase adulta quando completou 18 anos? Com todas as perguntas que iam surgindo, olhei para o rapaz, sorri e entrei na “brincadeira”, mas atravessado com as questões que não paravam de surgir.

Consigo traduzir aquele momento em uma pergunta, que veio se tornar impulsionadora dessa pesquisa: o que tenho de fazer para preservar e guardar um pouco da história, dos métodos e ensinamentos do Cavalo Marinho desses dois grandes mestres Luiz Miguel e Mestres Pinto?

Percebendo que um brinquedo, que possivelmente os meus avós e meus pais participaram de dentro ou de fora (patrocinando) em festas na comunidade onde moram até hoje, estava acabando, me senti provocado a direcionar meu TCC para este contexto. Além de todos os questionamentos sobre a opinião do jovem citado acima. Foi daí que comecei a pensar nas diferentes formas de como preservar o Cavalo Marinho das "Cidades Gêmeas", Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. Assim surgiu logo o título da minha pesquisa, "Pisada do Coração: Ensino dos Mestres de Cavalo Marinho das Cidades de Pedras de Fogo e Itambé", pois estava construindo uma ideia para viver e fazer com que o Brinquedo Cavalo Marinho resista ao tempo, que a cada ano possa ganhar outras maneiras de brincar.

Por isso, essa Brincadeira não é só brincar. É preciso amar. É algo que pulsa do coração, como o compasso binário que o pandeiro na sua execução traz como ritmo pulsante do Cavalo Marinho, bem como, sua compreensão em sua poesia, adereços e roupas que vão compor o conjunto do Cavalo Marinho.

Por fim, esta pesquisa deseja verificar se os mestres estudados têm esse mesmo entendimento que eu tive, se as visões de transmissão de Cavalo Marinho são semelhantes entre eles, se há algo na visão desses mestres que dificultou a continuidade da força desse brinquedo e quais eram as razões que os impulsionavam para a brincadeira. Segundo Mestre Luís Miguel em uma entrevista para a construção de catálogo "Educação patrimonial: Pedras de Fogo e Caaporã", ele diz o seguinte: "quando comecei a brincar se fazia por prazer, porque se gostava de brincar".

Além disso, resgatar e possibilitar o prazer de gostar de brincar o Cavalo Marinho, pois é isto que me move na construção desse processo de pesquisa (TCC), mesmo sentido dificuldade em escrever na linguagem acadêmica, devido minha dislexia, mas encorajado pela minha orientadora e pelo desejo de concretização desse projeto. Além disso quero despertar na nova geração, o prazer e o orgulho de ser e de se tornar brincante de Cavalo Marinho, renovando o desejo de participar dessa tradição dos nossos antepassados e contribuir para essa pesquisa.

1 CAVALO MARINHO: BRINCADEIRA E DEFINIÇÕES

Esse modo de Cantar
Foi meu avô que me deu (2x)
Deus deu a meu avô
Meu avô pegou me deu...
(Toada do Cavalo Marinho – sendo umas das músicas mais cantadas sempre no início das brincadeiras)

Começo esse capítulo com uma reflexão sobre a toada "Esse modo de Cantar", que ouvi de diversos mestres, com diferentes variações[5]. Sempre depois de cantá-la, o Mestre Lelé[6] falava: "para brincar Cavalo Marinho, tem que ter prazer, tem que amar", e terminava cantando um trecho da música, "esse modo de cantar foi meu avô que me deu" (Mestre Léle). Nessa sua fala há um cuidado com a brincadeira que foi recebida do avô e também aponta à necessidade de que seja passada para as novas gerações, em outras palavras há uma necessidade de brincar, mas, sobretudo, perpetuar a brincadeira passando de gerações a gerações.

O Cavalo Marinho é caracterizado como um "brinquedo popular", que surgiu na região Nordeste do país, "como uma forma de promover um divertimento coletivo, e simultaneamente, uma forma de contestação da dura realidade social" (Conceição, 2016, p.38). Se organiza com um banco de músicos, que tocam e cantam para entrada, saída e apresentação de "figuras", que são personagens que cantam e dançam diferentes estórias. Os instrumentos usados são: Rabeca, Pandeiro, Reco, Bagem de taboca e Mineiro (Ganzá).Com uma duração de oito a nove horas, acaba sempre no amanhecer com a morte e a partilha do Boi, simbolizando a divisão da carne para toda comunidade, em seguida o mestre volta ao terreiro[7] para finalizar com os Vivas, ou seja, saudações finais. Alguns mestres falam que as horas de "brincadas" no "terreiro", podem passar 72 figuras em uma noite, sendo elas humanas, fantásticas e animais. Os números de "figuras" podem mudar consideravelmente

[5] Pode ser "Meu amor que me deu", ou "meu jeito que me deu".

[6]Severino Manuel da Silva conhecido pela comunidade como Mestre Lelé - dividiu os terreiros com o parceiro e amigo Duda Bilau tanto no seu próprio Cavalo Marinho "Malabá" quanto no Cavalo Marinho Boi de Ouro. Além de fazer parte dos Cavalos Marinhos era Mestre de Maracatu e tinha sua própria Tribo de índio chamada de "Tupinambá". Líder religioso de um Terreiro de Jurema e líder comunitário da Rua da Palha (Rua Santo Antônio). Muitas vezes dividiu seu pouco salário para os seus filhos de santo e folgazões de suas brincadeiras para não ver passar fome. Pessoa de muita importância na preservação do movimento cultural em Pedras de Fogo e Itambé (PB/PE), vindo a falecer no ano de 2014.

[7]"Terreiro", local de barro que se localiza em frente da casa onde se brinca o Cavalo Marinho. Como na maioria das cidades do interior estão todas calçadas, a palavra "terreiro", ficou no simbolismo que representa o lugar onde se brinca.

nos discursos dos mestres, de acordo com a sua "brincadeira" e a realidade social de sua localidade.

Em dezembro de 2014, o Cavalo Marinho veio a se tornar Patrimônio Cultural do Brasil, tomando como base o documento do Inventário Nacional de Referência Culturais do Cavalo Marinho (INRC), que criou um Dossiê produzido de 2012 a 2014.A equipe desse Inventário e a Fundação de Patrimônio Histórico de Pernambuco (Fundarpe) realizaram um encontro de Mestres na cidade de Condado/PE, no dia 04 de junho de 2012, dando início ao levantamento sócio-histórico e cultural dos 12 grupos presentes da Zona da Mata Norte de Pernambuco e os que fazem fronteira com o Estado da Paraíba.

Na equipe de pesquisadores coordenada pela Prof. Dra. Beatriz Miranda Brusantin, além dos professores e pesquisadores envolvidos, tinham dois brincantes de Cavalo-Marinho fazendo parte desta equipe, entre eles estavam o Fábio Soares, neto do Mestre Biu Alexandre do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro e do Maracatu de Baque Solto Leão de Ouro de Condado/PE e Cláudio Rabeca, rabequista também do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro de Condado/PE, sendo peças fundamentais para a construção do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Cavalo Marinho. Apesar da originalidade da pesquisa, os brincantes questionam o tempo dado para os mestres serem consultados e a escolha dos integrantes da equipe, reforçando sua preocupação com a perpetuação dessa brincadeira[8].

Em todas as leituras que estou fazendo sobre a Manifestação Popular Cavalo Marinho, observo que a visão técnica do pensamento estrutural dos brinquedos é baseada nos Cavalos Marinhos localizados na então denominada área, de localidade 2, Norte-Centro e Paulista,[9] nomeado pelo "Dossiê INRC do Cavalo Marinho". Percebo também que pouco foi escrito sobre as características dos Cavalos Marinhos da Região limítrofe, onde se encontra Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. Com isso, é observado que o Cavalo Marinho dessas cidades se torna uma memória não registrada por esse Dossiê como deveria. Contudo, as definições dadas a essa brincadeira fazem dela, uma manifestação cultural mais consolidada e consequentemente, uma memória para as futuras gerações brincarem e também entenderam seu valor artístico e cultural para sua comunidade e sua vida.

[8] Essa afirmação toma como base discussões do Seminário Cavalo Marinho, realizado em Condado em outubro de 2019.

[9] Tendo com cidades: Condado/PE (os Cavalo Marinho Existente: Estrela de Ouro; Estrela Brilhante e o Boi Brasileiro), Aliança/PE – Chã de Esconso (os Cavalo Marinho Existente: Boi Pintado e o Cavalo Marinho do Mestre Batista), Paulista/PE (os Cavalo Marinho Existentes: Boi Matuto do Mestre Salustiano e seu filho Mestre Pedro Salustiano) e Araçoiaba/PE (os Cavalo Marinho Existentes: Boi Coroado do Mestre Aicão).

Muitas são as definições dadas por pesquisadores, inclusive, na dissertação de Mestrado em Artes pela universidade de Campinas/SP, o pesquisador Lineu Guaraldo (2009) define o Cavalo Marinho como "elementarmente plural, composto por dança, canto, verso, música, improviso, utilização de máscaras e adereços", reforçando o Cavalo Marinho como uma brincadeira que se manifesta com diversos gêneros artísticos. Por isso, o Cavalo Marinho é considerado um brinquedo que apresenta vários outros gêneros dentro dele.

Quando se pergunta aos mestres como veem a brincadeira quase todos irão dizer:

> [...] contém a dança do magui (ou mergulhão), a dança dos aico ou o baile das baianas, as figuras (personagens que usam máscara), os bichos, Mateus, ou Caroca, Bastião e Catirina, o Banco, o Caboclo de Orubá, ou o Caboclo de Pena, as baianas, o Cavalo, o Boi, as loas (poesias faladas), as toadas (músicas cantadas), os diálogos (falas dos personagens contracenando com o Capitão Marinho) e, por fim, mas não menos importante, a história que a brincadeira conta". (Dossiê IRC do Cavalo Marinho, 2014, p.20)

Esta citação apresenta um senso comum que resume em breves linhas a composição e a forma de brincar o Cavalo Marinho, bem como definida por seus elementos "artístico-culturais", presentes no enredo do brinquedo. Nota-se também como essa brincadeira expressa sua grandeza cultural com outros gêneros dentro dela, além das suas figuras que também expressam sua diversidade e realidades, mantendo sua identidade e unicidade artística e cultural.

Já alguns pesquisadores irão definir o brinquedo como: "... composição Cultural-artística segmentada – um teatro de variedades" (Dossiê INRC do Cavalo Marinho, 2014, p.20). Sendo que em sua realização, devemos considerar, que cada brincadeira traz em seu enredo/narrativa a particularidade da região na qual reside. É certo afirmar que a narrativa não é "homogênea nem fixa para todos os grupos de Cavalo-Marinhos" (Dossiê INRC do Cavalo Marinho, DATA, p.21), mas há uma unicidade em seu conjunto e apresentação.

Enquanto uns definem o Cavalo Marinho na sua representação e composição, a pesquisa, ***"Corpo, Cavalo Marinho e Dramaturgia a partir da investigação do Grupo Peleja"***, trabalho do Mestrado da Prof.ª. Carolina Dias Laranjeira, se refere ao Cavalo Marinho, como um brinquedo sem o olhar "*folclorizador"* ou apenas como*, "pitoresca ou exótica"*, até mesmo como um *"espetáculo de linguagem própria"*, trazendo no seu enredo elementos que se relacionam e criam um produto "artístico singular".

Esta pesquisadora apresenta o Cavalo Marinho como uma tradição que está sempre se modificando, mas guardando na sua essência a sua individualidade exclusiva de complexo de informações simbólicas, que corresponde a determinada comunidade, deixando mais

evidente que a narrativa que se passa no Cavalo Marinho não é homogênea e nem muito menos, fixa. Assim sendo, cada brinquedo possui sua peculiaridade, traços e temas de sua localidade.

Já no artigo "A *quête* do "Cavalo Marinho", a pesquisadora Suzi FranklSperber (2018), da Universidade de Campinas, relata a relação do Cavalo Marinho com a cultura europeia, trazendo a "Dança dos Arcos" e suas coreografias, como um elemento do "brinquedo" que se assemelha, a "Dança do São Gonçalo", um baile de origem portuguesa, pois algumas coreografias se assemelham com a executada nos Cavalos Marinhos da região Nordeste. Ela identifica também os traços da cultura indígena, verificada nas indumentárias e nos traços da figura do "caboclo de pena", que em alguns Cavalo Marinho, substituiu o Caboclo de Orubá e que também aponta influências da cultura afro-brasileira da Umbanda.

Esta pesquisadora traz como ideia principal de sua pesquisa, o cômico do Cavalo Marinho, apesar de também apresentar o sagrado. Para ela os aspectos do sagrado se misturam com o cômico e afirma que o "culto é entremeado às paródias, brincadeiras que são cantadas, dançadas por partícipes sérios, compenetrados". (Sperber, 2018, p.08). Ela compreende o Cavalo Marinho como "Brincadeira-jogo-espetáculo-culto".

É importante citar que um dos elementos mais pesquisados dessa brincadeira é a energia cênica que o Cavalo Marinho apresenta. Essa energia que o "brinquedo" traz, é pesquisada por vários pesquisadores em busca de uma corporeidade e uma presença cênica, que é vista no corpo dos "brincadores[3]".

O pesquisador Francisco Ferreira (2014), por exemplo, apresenta o trabalho do ator-brincante Helder Vasconcelos, que nas construções de seus trabalhos teatrais e audiovisuais, faz uso da dança do Cavalo Marinho para a criação das expressões corporais dos seus personagens. Outro ator-brincante que se utiliza do brinquedo é Antônio Carlos Nóbrega, "que é um verdadeiro artista em sua plenitude e que se territorializa e desterritorializa para criar suas personagens, inclusive se utilizando do Cavalo-Marinho" (FERREIRA, 2014, p. 44).

Tendo em vista essa riqueza energética e corpórea, que o "brinquedo" traz em sua essência, também é estudado como o "jogo" que se faz presente em todo o momento. Para reforçar tudo isso, vejamos o que diz Almeida (2017):

> Aquele que sabe se exprime através de metáforas, metonímias e anacolutos, tecendo uma linguagem de forte apelo afetivo e revelando sua sensibilidade ao criar imagens que transformam os outros em parceiros na organização da cadeia de relações pessoais e coletivas (ALMEIDA, 2017, p.103).

O que esse autor que dizer, em outras palavras, é a importância da pluralidade nessa brincadeira, que se manifesta de diversas maneiras, possibilitando a criação de diversas imagens e consequentemente, diversas impressões, agregando valores, pessoas e realidades por meio de sua linguagem, ou seja, por sua forma de se expressar e comunicar.

Para Sivadon (1988), os "brincantes" do Cavalo Marinho estão o tempo todo em jogo, mesmo quando não estando dentro da "brincadeira". O que define este estado de prontidão e jogo é a maneira de falar dos brincadores, suas posturas e olhares. Tudo isso é harmonia da "brincadeira" e no jeito de brincar dos brincantes.

Compreende-se também que há um jogo entre os "brincantes", os que fazem as "brincadeiras" e quem veio assisti-las junto com o espaço no qual está acontecendo a apresentação, proporcionando o "distanciamento e/ou aproximação" dos presentes.

Todo esse jogo surge depois das "pisadas", que os brincadores utilizam para dar corpo às "figuras" (que se aproxima da ideia de personagem), partindo sempre de um movimento que lembra uma "pisada" (dança), que se transforma em um andar, um gesto, uma postura corporal e uma voz, surgindo a chamada "figura" na "brincadeira". Se entendermos essas movimentações como um "disparador" para a criação energética e corpórea dessa manifestação artística e cultural também teremos uma representação da ideia de corpo "Masculino" e "Feminino", representados nas possibilidades da imagens formadas dos personagens.

Ainda nesse contexto será registrado a estrutura do Cavalo Marinho da localidade 2 – Centro, Norte e Paulista, conforme o Dossiê INRC, pois esta descrição se assemelha com a da localidade 1- Norte limítrofe que inclui Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. No decorrer da explanação apontarei diferenças encontradas das localidades estudadas. Será dividido à sequência apresentada no dossiê em três partes, que chamo de ato[10], apontando as diferenças encontradas na brincadeira de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE e colocando a nomeação usada nesse local entre parênteses.

No primeiro ato há a chegada dos músicos do banco, pisadas ("pisadas soltas", "trupés[11]", tombos e mergulhão (magui), depois a chegada do Ambrósio, seguida da entrada do Mateus, Bastião e a negra Catirina (Catita) - figura representada por homens, simbolizando traição, segundo o enredo da brincadeira, pode ser vista como mulher de Mateus e amante de

[10]"ato" derivado do latim "actu", que no contexto teatral, tem como função uma divisão de unidades que fazem parte de uma peça de teatro, espetáculos de dança e de ópera.

[11] "Trupé" – coreografia realizada como fortes batidas dos pés no chão, nos remetendo o sombinário do pandeiro quando tocado.

Bastião). Nos Cavalos Marinhos de Pedras de Fogo/Itambé quem entra primeiro é o Mateus, Bastião e Catarina/Catita, sendo seguidos pelo Mestre Ambrósio. Em seguida, vemos Soldado da Guarita (soldado Véio da Guarita), Empata Samba, Mané do Baile (não aparecem nas cidades de Pedras de Fogo e Itambé), Capitão dos Arcos e finalizando essa parte inicial, a Dança dos Arcos (Aico);

Já o segundo ato começa com a entrada do Mestre no Cavalo (Capitão Marinho no Cavalo) e do Cobrador (Pataqueiro) que vem acusar o capitão de tê-lo roubado em uma negociação de uma venda de um Cavalo chamado de "*Bronzio*", depois o Valentão vem brigar com o Capitão, por conta das suas lindas filhas, as "Pastorinhas", representadas nesse momento por Daminhas e Galantes, finalizando com um acordo entre o Capitão e o Valentão. Ainda nesse "ato" entrarão todas as figuras consideradas soltas, ou seja, a entrada de Pisa Pilão, Varri Rua *(*Vila Nova), Bicheiro, Mané Chorão, Nêgo Quitanda entre outros e também de todos os animais, exceto, [12]o boi e sua ordem de entrada varia a cada apresentação.

Por fim, o terceiro e último ato que começa com a entrada do Vaqueiro que negocia sobre a venda de um boi. Há também a escolha do Capitão em decidir se quer um boi manso ou bravo, seguida da entrada do boi. Nesse momento se canta toada, enquanto Mateus e Bastião brincam com o boi, juntamente com a Galantaria e todas as pessoas que se sentirem à vontade para entrar no "samba". Depois vem a entrada do Doutor, que o examina o boi doente, fala para o Capitão que não tem mais jeito e propõe uma partilha de todas suas partes. Assim prepara-se para finalizar com o clímax que traz o misticismo da ressurreição do Boi. Com o boi ressuscitado Mateus e Bastião guarda-o. Tudo é finalizado com as ações de saudações aos Mestres que se foram e aos que ainda estão presentes, enquanto cantam e dançam coco em direção a "Toda[13]".

De acordo com o Inventário citado, todos os Cavalo Marinhos da "localidade 2" carregam semelhanças com todos os elementos citados acima. Porém há diferenças sutis nas formas de brincar de um para o outro. Posso perceber isso no jeito de tocar a rabeca, de cantar as toadas, as loas, a entrada e saída de figuras e de algumas figuras de animais.

Essa descrição dos Cavalo Marinhos da localidade 2 foi realizada para que possamos compreender que há uma leve mudança no jeito de brincar dos Cavalo Marinhos da "localidade 1", região limítrofe de Pernambuco e Paraíba.

Especificamente os dos Mestres Pinto e Pedro que serão peças fundamentais na

[12]"Ema, burrinha, onça e outros que têm para colocar em uma noite de brincadeira.
[13]"Toda" - se refere ao lugar onde os participantes se vestem de figuras (personagem), poderíamos comparar com "camarim".

construção do pensamento sobre o Cavalo Marinho de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. Nesse próximo capítulo serão registradas as memórias e pensamentos, os seus jeitos de brincar e repassar o conhecimento dessa importante e significativa manifestação popular que é o Cavalo Marinho das cidades Pedras de Fogo e Itambé(PB/PE), com o intuito de que essas memórias possam ser guardadas para permanecer no tempo e na história da Cultura brasileira.

Dessa maneira fica claro as variações que acontecem nos Cavalo Marinho das cidades de Pedras de Fogo e Itambé, que os diferenciam dos Cavalo Marinhos das outras localidades. Elas acentuam-se ainda mais no jeito de tocar o pandeiro em uma forma mais lenta, ou melhor, compassada, fazendo com que os brincantes poupem mais suas energias. Nos trupés a sua execução é mais enraizada, sem muitas variações. Dependendo de quantas horas forem brincar assume um único movimento de dança, um único trupé.

A estrutura do Cavalo Marinho das cidades de Pedras de Fogo-PB e Itambé-PE, identificadas como Localidade 1 pelo INRC, tem como base nas suas pisadas, o “Trupé” - pisada que traz um ritmo forte no compasso de dois tempos do pandeiro, um pouco mais lento do que na Localidade 2, podendo ser executado para frente ou para as laterais, considerado pelos mestres como uma pisada que levanta poeira. Esse “trupé" foi dançado na maior parte do tempo. NO entanto, as pisadas da Zona da Mata Norte foram influenciadas e sofreram mudanças e criaram inovações nas pisadas dançadas pela nova geração de folgazão.

Dentro dessa ideia de estruturação do Cavalo Marinho foi criado um DVD no de 2000 (dois mil) pelo Cavalo Marinho Estela de Ouro, da Cidade de Condado/PE o que gerou nos Cavalos Marinhos uma comparação com essa representação do DVD, moldando a forma e o jeito dessas “brincadeiras” da Cidade de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE, criando uma ideia da maneira correta de brincar.

Essa influência fez com que os Mestres mudassem o seu jeito de tocar compassado, em um ritmo um pouco lento diferente do que somos acostumados a ver e ouvir nos Cavalos Marinhos da localidade 2. Isso influenciou diretamente o jeito de ver e brincar o Cavalo Marinho da região limítrofe e até causando dúvidas no jeito da entrada de “figuras” como alguns “folgazões”, principalmente da nova geração, trazendo um padrão na forma dos mestres ver o seu brinquedo.

Além disso, o enredo de algumas loas, toadas e entradas de “figuras” se modificam, pois apresentam situações, dizeres e personagens da cultura local. São as situações vividas no cotidiano dos trabalhadores rurais da zona canavieira e suas negociações nas empreitadas com

os seus patrões, que no Cavalo Marinho se tornam "puías"[14]e esquetes (pequenas cenas) de situações engraçadas sobre a esperteza das negociações entre patrão e empregado.

A referência citada na mudança da entrada de "figuras", é especificamente a do personagem "Mestre Ambrósio", que no nosso brinquedo traz um lado "fantástico" e não um "mero" vendedor de figuras, mas sim, um imaginário de alguns Mestres[15]que aqui, aparece como um "espírito" vagante no mundo, passando para vender ao Capitão suas figuras(personagens) e no seu jeito de dançar mostrar como cada "figura" irá passar no enredo da brincadeira, causando uma verossimilhança de sua época para os expectadores ou público.

Essa compreensão o Mateus deixa em evidência, quando entrega todos os adereços (bexiga e chapéu) que traz em sua fala, quando diz: "o Capitão é cabra safado, quer nos enganar? O senhor disse que aqui não passava alma! " (Fala do Mateus Chocalho de Bode, Cavalo Marinho Boi de Ouro, 2019), o Bastião Mané Louro (No Cavalo Marinho Boi de Ouro, 2019) reforça a fala do Mateus, dizendo: "Ele vai te pegar pareia! É uma alma que caça gente!"

Num outro ponto de vista sobre o Ambrósio, é traçado uma relação com a história no que diz respeito aos vendedores de escravos e sua imigração para as fronteiras do Estado Pernambuco. No artigo "O tráfico intraprovincial em Pernambuco (1871-1880), aspectos do fluxo de comércio de escravos em Pernambuco no período de crise", o doutor em museologia Glauber Guedes Ferreira Lima afirma que:

> As diferentes realidades econômicas dentro da província de Pernambuco permitiram a ela durante a segunda metade do século XIX, presenciar um processo de intensa migração de escravos dentro de suas fronteiras, no entanto esse processo foi bastante variado em suas intensidades e no caminho que seguiam seus fluxos. (LIMA, 2004, p.03)

Com essa referência percebe-se que há um paralelo com enredo do Cavalo Marinho das Cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE, especificamente com a passagem do Mestre Ambrósio como vendedor de figuras (pessoas).

Não existem dados concretos que apontem um possível início dessa brincadeira nas cidades gêmeas (Pedras de Fogo/Itambé). Ainda, pesquisando sobre o brinquedo encontrei uma entrevista do Mestre João, afirmando ser brincador desde aos 16 anos e hoje com os 92 anos continua brincando. Portanto essa tradição existia na cidade na década de 1940. Mestre

[14] "Puías" – Falas de duplos sentidos e piadas de cunhos sexuais ditos pelos participantes das manifestações culturas (Cavalo Marinho, Maracatu entre outras).

[15]Esta visão particular não foi confirmada pelo Mestre Pinto, quando perguntei, mas fazia parte das referências que já tinha obtido em conversas, por isso a mantenho como parte do imaginário local.

João é o Mestre mais velho e detentor de conhecimentos não só do Cavalo Marinho, mas também, do Babau, além de ser rabequeiro e organizador do seu próprio brinquedo "Boi de Ouro", localizado na cidade de Pedras de Fogo-PB. Ele é um entusiasta dessa cultura, mas traz em suas falas a tristeza de que nenhum de seus filhos e netos vão levar a diante esse brinquedo, ao qual se dedicou toda sua vida.

Além do Cavalo Marinho Boi de Ouro, existiu outro localizado na zona rural da cidade de Pedras de Fogo/PB, conhecido como sítio Jangada, que tinha como Mestre João Aivira (conhecido popularmente como João Gambá. Tenho conhecimento que o folguedo trazia algumas características de "figuras", ritmos, "pisadas" e "loas" diferentes ao que estamos acostumado a ler e assistir. Há destaque na "figura" o "Bírico", ele não é muito comum nos Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco e Limítrofes.

Esta "figura" é presente nos Cavalo Marinho da Paraíba-PB, especificamente, no Marinho Infantil da Mestra Tina, do Bairro dos Novais, da grande João Pessoa, vindo da linhagem do Mestre João do Boi. Nas apresentações surgem no início o Mateus e Bírico que vem "tomar conta e dar conta" da festa do Capitão, trazendo as mesmas características de Mateus e Sebastião (Bastião), sofrendo apenas mudanças na indumentária da "bexiga", para o que se dá o nome de "macaca[16]" que é usada por Bírico, Mateus e Catirina para pagar as dívidas do capitão e abrir a roda quando está fechando.

No Cavalo Marinho de Jangada pode-se encontrar as quatro figuras que caracterizam os negros a serviço do capitão. Essas figuras estão representadas por Mateus, o Sebastião (Bastião), o Bírico e a Nega Catita (Catirina). Além das "pisadas" que são parecidas e algumas passagens (entrada e saída de figuras), o Cavalo Marinho do Mestre João teve como Mestres: Nezim, Duda Bilau e Léle. Atualmente seu Mestre é Luiz Miguel, que começou a brincar como Dama e se tornou figureiro no seu brinquedo.

Em 2013 quando o mestre Lelé já não podia dançar e nem tocar, Luiz Miguel assumiu a posição de Mestre do Cavalo Marinho Boi de Ouro. Mas nessa pesquisa, irei focar no estudo de Mestres em que sua prática de transmissão incluem danças, loas e toadas, não estudando o Mestre João Araújo, tendo em vista que atualmente traz em sua transmissão especificamente o ensino da rabeca, as "loas" e "toadas" e confecções de materiais usados no brinquedo.

Os mestres estudados nos próximos capítulos brincaram no seu Cavalo Marinho e brincam em outros quando são chamados para participar. Assim espero deixar claro a

[16] "Macaca" – Nome do universo popular que se dá a um chicote de cabo curto e grosso, usado para açoitar os animais de carga.

importância deste trabalho para as futuras gerações de folgazão das cidades Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. Nos capítulos a seguir, cuja finalidade é evidenciar essa questão, ou seja, registrar e enaltecer o valor artístico, cultural, social do Cavalo Marinho para as pessoas e suas comunidades.

2 OS MESTRES DOS CAVALOS MARINHOS DAS CIDADES GÊMEAS: ITAMBÉ-PE E PEDRAS DE FOGO-PB

Figura 1 - Cavalo Marinho Boi Maneiro os velhos folgazões e novos, apresentação Dezembro/2019.**Fonte**: Arquivo pessoal do autor

Na abertura deste capítulo gostaria de registrar e esclarecer que esta pesquisa teve o desejo de investigar a grandeza do conhecimento de três mestres. Eles são grandes portadores do conhecimento do Cavalo Marinho, pois na sua juventude tiveram a oportunidade de brincar com o Mestre Duda Bilau e Mestre Léle. Esses três são Mestre Luís Miguel, Mestre Pinto e o terceiro, também é considerado por alguns folgazões de sua comunidade, o mais jovem mestre do Cavalo Marinho é o Mestre Pedro Luiz, que traz na sua forma de brincar o conhecimento desses mestres citados acima e de outros, fruto de suas pesquisas e produções.

Durante o processo de investigação que tinha como foco localizar os endereços desses mestres para que fosse possível a realização das entrevistas, encontrei alguns empecilho, inclusive, a localização de um desses Mestres do Cavalo Marinho. De imediato só consegui localizar o Mestre Pinto e Mestre Pedro Luiz, que sugeriram procurar o Mestre Luiz Miguel para aumentar meu leque de pesquisa. Na tentativa de encontrá-lo, primeiro perguntei aos brincadores, se alguém saberia o paradeiro do Mestre Luiz Miguel. Todas as falas foram unânimes: “ você pode encontrar ele pegando latinha e papelões nos mercados da cidade ou na sua casa que fica no loteamento Luiz Gonzaga”, infelizmente, não foi possível realizar a entrevista ao Mestre Luiz Miguel.

Não tive acesso à sua residência, pois fica localizada em uma comunidade chamada Luiz Gonzaga, zona periférica da cidade de Itambé/PE, sendo dominada pelo tráfico de

drogas. Infelizmente, eu não tive acesso a localização da sua casa, pois fica já no final da rua e para chegar nela, precisaria da permissão do chefe da boca. E isso ocorreu porque houve conflito recente entre grupos rivais e consequentemente, não poderia entrar na comunidade e assim, não pude fazer minha entrevista sobre sua história com o Cavalo Marinho.

Os confrontos estavam acontecendo quase a todo momento, de julho a outubro. Tive muitas tentativas frustradas. Procurei seus familiares, até consegui falar com uma das filhas do Mestre, mas não consegui chegar à sua residência e consequentemente, não consegui fazer a entrevista ao Mestre que veio da linhagem do seu tio e Mestre Duda Bilau. Mas, em outra oportunidade, em um futuro mestrado, espero trazer sua contribuição para minha pesquisa.

Pelo motivo relatado acima, gostaria de deixar apontado neste capítulo, minhas desculpas ao Mestre Luiz Miguel, por não registrar nesse momento sua história. Sua enorme contribuição para a história do Cavalo Marinho das cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. Porém, fica evidenciado meu desejo que em breve estará sendo parte da escrita do meu projeto de mestrado.

Dito isso, agora apresento os dois mestres que consegui ter contato: o Mestre Pinto (João Tavares da Silva), mestre considerado pelos folgazões locais sucessor da terceira linhagens de mestres, vinda do Duda Bilau e passando pelo Mestre Lelé que em sua prática lhe ensinou, compartilhando tudo que sabe de Cavalo Marinho até à sua morte em 2014.

Outro mestre, é o Mestre Pedro da Rabeca (Pedro Luiz da Silva Filho), considerado por alguns folgazões da nova geração e da velha guarda do Cavalo Marinho, como um futuro Mestre, que traz na sua prática a velha forma de se brincar, pesquisada e investigada com diversas idas para casa dos mestres veteranos dessas duas cidades, tendo paciência de escutar as histórias e aprender as pisadas, figuras vividas e dançadas pelos antigos brincadores.

Os dois Mestres fazem parte do mesmo Brinquedo, o Cavalo Marinho Boi Maneiro da cidade de Itambé-PE (sendo que Mestre Pinto ainda brinca de Contra Mestre no Cavalo Marinho Boi de Ouro). Mestre Pedro assume a função de rabequeiro e organizador da brincadeira. Mestre Pinto assume a função de mestrar o Cavalo Marinho com toda sua experiência. Os dois têm o papel, no meu ponto de vista, mais importante do brinquedo, a sua preservação e transmissão do conhecimento para os mais jovens. Vejamos a seguir uma contextualização de quem são os Mestres citados. Inicialmente, temos o Mestre Pinto e depois, o Mestre Pedro.

2.1 MESTRE PINTO

Figura 2- Mestre Pinto. Dezembro/2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor

João Tavares da Silva, mais conhecido como Mestre Pinto, nasceu em 06 de fevereiro de 1962, tendo hoje a idade de 57 anos. Nasceu no engenho São José, hoje morador da travessa da Rua Santo Antônio (popular Rua da Palha). Começou a brincar Cavalo Marinho de Dama no tempo do Mestre "Vaguim Chagar", quando tinha apenas sete anos de idade. Depois, passou a brincar com o Mestre "Nerzinho" como galante, em seguida, junto com Mestre Duda e Lelé no Cavalo Marinho de Mestre João Araújo. Em 2012, veio se tornar Mestre do Cavalo Marinho Boi Maneiro.

> Aprendi brincar Cavalo Marinho andando mais meu pai de criação, o meu pai foi quem me criou. Ele brincava de catita de Cavalo Marinho, andei em todos os Cavalo Marinho. Ele me levava, antigamente era no sítio, quando ia para o sítio brincar Cavalo Marinho mais meu pai, pai brincando e eu olhando, eu olhando o que ele fazia. Comecei a aprender, passei para brincar de dama, de dama passei a brincar de galante, hoje sendo mestre de Cavalo Marinho... (MESTRE PINTO, 2019)

No momento em que foi perguntado, em relação ao tempo que levou para se tornar Mestre de Cavalo Marinho, a sua resposta foi direta: "brinquei mais de dezesseis anos como galante" (Mestre Pinto, 2019), passando por três gerações de Mestres, primeiro por "Vaquim Chagar", que na minha linha de pensamento, foi o primeiro contato com o Brinquedo, no tempo em que seu pai brincava de Catita nos sítios. Se torna nesse Cavalo Marinho "Daminha", brincando até os seus quinze anos. Em seguida veio o Mestre "Nerzinho", nesse começou a brincar como "Galante", já na sua adolescência, aprendeu a colocar "Figuras".

Nessa sua fala, nota-se seu envolvimento com o Cavalo Marinho, desde sua infância. Isto deixa claro, que ele aprendeu com a vivência com essa brincadeira e que é parte de sua vida. Com o Cavalo Marinho do Mestre João Araújo, juntamente com os Mestres Duda Bilau e Mestre Lelé, houve uma aproximação do seu jeito de colocar figuras, pois além de galante, colocava figura junto com os outros mestres e assim, aprendendo a colocar sobre a orientação do seu Mestre e Pai de Santo Lelé, a figura do Caboclo de Orubá, a qual destaca como a figura que mais gosta de colocar quando se está brincando.

> Não sei explicar sabe! É de nascença, já nasci com ele e o mestre Lelé me ajudou a lida com meu caboclo da jurema, quando chegar não eu, ele toma conta do meu corpo fazendo eu pisar no vidro, a deitar no vidro e a comer gilete, faço tudo isso não me machuco por é ele não eu... (MESTRE PINTO, 2019)

Figuras como Ambrósio, Mestre do Cavalo, Pataqueiro, Caboclo de Orubá, Valentão, Vaqueiro, Doutor, são as mais citadas quando pergunto quais são as que o mestre gosta de colocar, quando se está brincando o Cavalo Marinho, até nos tempos atuais. Já na sua fase adulta passou a brincar com o Mestre João Araújo no Cavalo Marinho Boi de Ouro, vindo a ser o "Primeiro Galante" e "Figureiro", tendo o saudoso Mestre Duda Bilau como aquele que mestrava e o Mestre Figureiro Léle, do qual veio a se tornar "Contra Mestre" e em 2012 veio a se tornar Mestre do Cavalo Marinho Boi Maneiro.

> As coisas muda, as coisas muda porque Cavalo Marinho não é do tempo de agora, é do tempo atrás, o Cavalo Marinho tem que chegar logo os Mateus para depois chegar o Ambrósio, antigamente, vinha logo o Mateus, hoje está se colocando o Ambrósio na frente, isso não existe não. Toda vida vem logo o Mateus, e depois vem o Ambrósio para vender a figura... (MESTRE PINTO DEZEMBRO, 2019)

Nesse seu discurso, ele traz a marca da memória de como se brincava e que se brinca até hoje, nos Cavalos Marinhos da região, no entanto, também transmite as mudanças que estão ocorrendo, anulando, de certa forma, a maneira de como se brincava no seu tempo, principalmente, quando ele refere-se à sequência da entrada do Mateus e das outras figuras. Além disso, trata da maneira de brincar nas terras limítrofes da Zona da Mata Norte de Pernambuco com o litoral da Paraíba.

Nesse contexto de mudança do jeito de brincar dos Cavalos Marinhos, citados por Mestre Pinto, percebe-se também que o Dossiê do Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo Marinho (2014), não cita a cidade Itambé/PE como quem tem Cavalo Marinho. Ele só cita apenas na "Localidade 1 – Extremo Norte e Limítrofes", dois Cavalos Marinhos registrado nessa região: Camutanga/PE – Cavalo Marinho Estrela do Oriente do Mestre Inácio

Lucindo e Pedras de Fogo/PB – Cavalo Marinho Boi de Ouro do Mestre João Araújo, infelizmente, anulando outros Cavalos Marinhos que há na memória da cidade de Itambé/PE. Ainda insistindo em seu comentário, o Mestre esclarece a ordem sequencial da entrada das figuras, dizendo que a entrada dos Mateus vem primeiro. Vejamos o que ele diz:

> Primeiro o Mateus, vem o Ambrósio, vem o Soldado, vem os Aicos, depois dos Aico vem o Valentão,vem o Cavalo, depois do Cavalo vem o Pataqueiro, depois vem o Caboclo de Orubá, vem o Pisa Pilão, vem o Mané Chorão... (MESTRE PINTO, 2019)

No momento em que se refere à ordem das entradas das figuras, ele esclarece o modo como iniciam a brincadeira do Cavalo Marinho das cidades Pedras de Fogo-PB e Itambé-PE. Também senti pouco de dificuldade na sua fala em lembrar a sequência das entradas de figuras, onde o Mestre fala sobre a entrada da figura mística, inclusive, ele expõe sua preferência pelo Caboclo de Orubá, dizendo: "é uma figura que mais gosto de colocar", salientando que a aparição dessa figura no samba só acontece nas "horas altas", entrando a partir das "onze horas, onze e meia ou depois da meia noite". Depois ele continua dizendo:

> A gente gostava de Cavalo Marinho, o povo participava do Cavalo Marinho, se você quisesse ter um na sua casa você chamava para brincar, a gente ia, assim no tempo da sequidão, sem ser de inverno, por que o tempo de inverno não é bom para brincar Cavalo Marinho não. Você conhece Cavalo Marinho você chamava para brincar uma noite a gente brinca, hoje em dia o povo não gosta mais de Cavalo Marinho. É difícil de gostar, a gente passa tanto tempo sem brincar que quando vai falar em Cavalo Marinho sai todo da memória... (MESTRE PINTO, 2019)

Nesta sua fala, ele insiste nas lembranças do tempo em se brincava Cavalo Marinho. Era sempre uma vez no mês. Porém, atualmente com todo esse aparato tecnológico e seus avanços, há indícios de impedimento para a frequência da brincadeira, uma vez que essa brincadeira torna-se mais uma atração no meio dessa modernidade e esquecida, às vezes, por sua comunidade. Como diz o próprio Mestre: "agente vai se esquecendo do Cavalo Marinho, esquecendo das loas, das vozes do Cavalo Marinho" (MESTRE PINTO,2019).

Essas brincadeiras no século XXI foram resumidas e seu tempo de apresentação ficaram estabelecidas em 45 minutos, quando se tem apresentação em eventos proporcionados pelos órgãos públicos, tanto na cidade em que o Cavalo Marinho está localizado, quanto em outras cidades, onde geralmente fazem apresentação, conforme o convite para realização da brincadeira.

Quando se marca uma “sambada” no terreiro das casas dos “folgazões”, não se pode passar das duas da manhã, pois tem a lei do silêncio. Faço uma reflexão sobre a fala do Mestre que retrata o esquecimento da “Voz do Cavalo Marinho”. Se antigamente brincava-se a noite toda e a brincadeira tinha a duração de oito horas ou mais, com a participação de setenta e duas figuras, podendo até chegar a mais. Hoje, infelizmente, o número de membros tem sido menor e a duração da apresentação também. Com essa duração só dá para passar os arcos com as “toadas” e “loas”. Contudo, resta-nos se refazer e buscar maneiras de manter nossa memória cultural, artística e nossa identidade comunitária.

Na maneira de brincar é fundamental registrar uma toada que expressa a memória da brincadeira, falando do boi e das figuras. Essas entrarão depois da dança dos arcos, sem seguir uma ordem de entrada e vão até cinco da manhã, é nessa hora que o boi vem brincar no terreiro, acontecendo a morte e a partilha. E encerrando com os “vivas”, a saudação que traz a memória dos mestres passados, dos presentes e dos que virão. Trazendo como toada:

Viva a senhora dona da casa meu senhor!
Viva!
Viva a mestre Duda Bilau meu senhor!
Viva!
Viva aos mestres presente e os que vão vir meu senhor!
Viva!

Depois de três “vivas”, se canta um baião, ministrado pelo mestre toadeiro e todos os banqueiros (pessoas que formam a orquestra de músicos), juntamente com os brincadores da noite e toda a comunidade que cantam:

Ô Nininha, ô Nininha!
A mulher que mais amei!
No cabelo de Nininha!
Onde eu me balancei!
Ô Nininha, ô Nininha!
A mulher que mais amava!
No cabelo de Nininha!
Onde eu me balançava!
Apaga candeia, Moisés!
Apaga candeia Moisés!

Ainda reforçando sobre a manutenção dessa brincadeira, vale salientar que quem ajudava a manter e preservar as tradições das brincadeiras populares eram na sua maioria os donos de “barracas”, donos de jogo de “bozó” e apreciadores da manifestação, sempre os contratando para fazer uma noite de “sambada”, em frente à sua casa ou estabelecimento.

Ainda hoje, como antigamente, alguns dos poucos donos de “barraca”, convidam o Cavalo Marinho para ser o grande atrativo da noite, em busca de trazer clientes para consumir no seu estabelecimento. O próprio Mestre Pinto, que além de se sustentar com o corte da cana de açúcar, tem sua “barraca” (pequena mercearia) para complemento de sua renda e sempre convida o Cavalo Marinho e o Babau para fazer apresentações.

Entre 2015 e 2017, transformou seu terreiro, quinzenalmente, em um lugar de festa e ao mesmo tempo, de transmissão de conhecimento dessa brincadeira, tendo sua comunidade presente em uma noite de “sambada”. As crianças apareciam para aprender, alguns adultos frequentam para relembrar o seu tempo de juventude dos grandes bailes nos sítios, outros veem para apreciar a grandeza da brincadeira, assim, os finais de semana tornavam-se o lazer da comunidade. Mas infelizmente, não deu continuidade por não ter membros para participar da “brincadeira” e público interessado a assistir.

Em seguida, iremos registrar como o Mestre Pedro, jovem e figura do Cavalo Marinho, brinca e mantém a memória dessa maravilhosa brincadeira. Esse mestre é representante do Cavalo Marinho Boi Maneiro.

2.2 MESTRE PEDRO LUIZ

Figura 3- Mestre Pedro Luiz, Mestre Joel da Rabeca, Mestre Lelé e Totonho, na última homenagem ao Mestre Lelé em vida na sua Casa. Março/2014. – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor

Pedro Luiz da Silva Filho, nascido no dia 29 de junho de 1991, na cidade de Timbaúba/PE. Hoje, ele tem hoje 29 anos de idade. Desde a sua infância mora na cidade de Pedras de Fogo/PB. Ele morou por muito anos na residência de sua mãe, que fica localizada na comunidade Santo Antônio (Rua da Palha). Atualmente é casado, mora na mesma comunidade de sua origem, no entanto, um pouco mais distante da casa de sua mãe.

Produtor cultural, como gosta de ser considerado, atua como professor não formal da Ação Social da cidade de Itambé, no programa de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV), dando aula de Cavalo Marinho, Babau, percussão e está revitalizando um Pastoril com as senhoras da melhor idade. Criador e fundador do Cavalo Marinho Boi Maneiro em 2012, no qual é rabequeiro do "brinquedo", brincou um tempo no Maracatu, como caboclo de lança. Como pesquisador desse universo popular criou o seu próprio brinquedo de bonecos populares e denominou como Babaulengo, mistura de Babau (PB) com Mamulengo (PE).

O seu contato com o universo da cultura popular deu-se com seu avô de criação, Duquinha, que era dono de cassino de "bozó" e "baralho". Gostava de coco de roda e de embolada. Seu avô sempre o inspirou e o motivou a pesquisar e mergulhar nas brincadeiras populares presentes nas cidades "Gêmeas". Vejamos o que ele disse:

> Só que o meu avô de criação Doquinha já não era do Cavalo Marinho, ele já era do Coco. Eu lembro até de uma passagem muito bonita, que eu tenho junto com ele, que uma das primeiras músicas que ouvi na minha vida foi o embolador de coco, que eu gostava das formas, ficava imaginando como os caras conseguiam rimar, fazer essas coisas todinhas, sabe! E ele comprava umas fitas daquelas que vinham em uma caixinha de plástico, e me ensinava a tocar pandeiro ali. (MESTRE PEDRO, OUTUBRO, 2019)

O Mestre Pedro esclarece o seu interesse pela cultura popular, reconhecendo na figura do seu avô, a pessoa que o ensinou e incentivou a entrar nesse universo cultural popular, que ele hoje muito bem representa.

O seu avô era irmão do Mestre Lelé. Segundo Mestre Pedro, o Mestre Lelé foi fundador de um dos Cavalo Marinhos antigos da cidade, chamado Malabá, que veio antes Boi de Ouro, do Mestre João Araújo, inclusive, ele justifica dizendo assim:

> (...) porque na realidade seu João é uma figura importantíssima dentro da Cultura Popular aqui da Cidade mesmo porque ele era um camarada, sempre era instigado a fazer um algo, porque a família dele era mestre de cerimônia, naquela época não tinha, MC essas coisa não, era mestre de cerimônia de brincadeiras. Então o pai dele era sanfoneiro, então ele já vem com essa linha de forró de baile, e a família dele mexia com som de festa, que nessa época já se brincava nos melhores lugares, já tinha aquele sonzinho mesmo que pebinha, analógico, mesinha de som e talvez outro receptor, mas já tinha já essas coisas, entendesse? Aí que dizer! Ele já estava dentro dos bailes da cidade, ele já fazia a cultura da cidade. Agora de outra forma até chegar o momento que ele ficou mais maduro e começou a se acompanhar com pessoas como seu Lelé para fazer Cavalo Marinho, aí através de seu Lelé conheceu aí o Cavalo Marinho de seu Lelé que era dono de um Cavalo Marinho chamado Malabá. (MESTRE PEDRO, NOVEMBRO, 2019)

Essa sua colocação sobre o fazer da “brincadeira” em momentos passados, ele não tinha nascido, mas reforça o quanto ele é pesquisador de sua arte. Nessa época, os engenhos moíam e as sambadas de Cavalo Marinho aconteciam nos sítios, faz menção a esses dados históricos com base nas inúmeras conversas que teve com o Mestre Lelé e com o Mestre Nerzinho. Ele também disse que o Mestre Nerzinho: “desenhava no chão de terra todas as figuras e formas que representavam as danças, aicos e entrada e saída de figuras” (Mestre Pedro, Novembro2019).

O Mestre Pedro, além de brincante, é pesquisador, demonstrando sua relação com a cultura produzida em bom tempo. Desde criança costumava acompanhar o seu avô de criação nas “sambadas de coco de roda”, que se brincava na esquina da casa do Mestre Lelé, na comunidade Santo Antônio. “Além do coco podíamos ver Cavalo Marinho, Ciranda, Tribo de Indio (Tupinambá e Águia Negra), Babau, entre tantas outras. Posso dizer que era uma “esquina cultural”, em que quinzenalmente aconteciam as “brincadeiras” que duravam a noite toda”.

Apesar de todo seu envolvimento com essa diversidade cultural, em sua infância, o Mestre Pedro não era envolvido como “brincante”, apenas como espectador. Já seu irmão, Luiz Carlos da Silva, era envolvido na tribo de Índio Tupinambá, tendo como dono Mestre Lelé e depois veio a se tornar o Pajé na Tribo Águia Negra, função escolhida pelo mestre, para aquele que se destacasse na liderança em repassar a dança e no trabalho em equipe. Ficava encarregado de reunir todos os “brincantes”, tanto no dia de ensaio quanto no dia da apresentação, além da confecção de material. Essa experiência transmitida pelo seu irmão, Mestre Pedro acompanhou bem de perto.

Ainda mais, ele é o filho mais novo da família e geralmente, na infância, a sua mãe não deixava acompanhar seu irmão mais velho. Infelizmente, esse seu irmão tinha um problema cardíaco, vindo a falecer ainda durante a infância de Mestre Pedro. Perda muito grande, pois tinha seu irmão como sua inspiração. Aos 12 anos de idade passa a se envolver diretamente com o universo das manifestações populares através da música, agora não como espectador, e sim, fazendo parte do Maracatu de Baque Virado, que surgiu de oficinas com mestre Roberto, de Pernambuco, dentro do programa PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) do governo Federal, na cidade de Pedras de Fogo/PB.

Em 2006, surgiu o projeto social “Movimento Cavalo Marinho”, que tinha como objetivo revigorar o Cavalo Marinho Boi de Ouro e um outro da Zona Rural da cidade de Pedras de Fogo/PB. O projeto acontecia no bairro periférico que fica em uma zona de vulnerabilidade, o loteamento Bessa. Nesse local foi construído um espaço denominado

"Núcleo Cultural" para que acontecesse as aulas de Cavalo Marinho, Rabeca, Balé clássico e popular e Percussão.

As aulas de Cavalo Marinho eram ministradas pelo Mestre Pedro Salu e o Profº. Paulo, que atuavam junto com o Mestre Salustiano. As vivências eram sobre a observação dos mestres e folgazões dos dois Cavalos Marinhos de Pedras de Fogo/PB, para que os jovens aprendizes pudessem conhecer as "pisadas" do Cavalo Marinho de um forma pedagógica e lúdica, prática e teórica, partindo da escrita de "loas" e "toadas", deixando mais compreensível o entendimento dos versos, músicas do banco, as falas de personagens e todo o enredo da "Brincadeira".

Todas as aulas tinham o acompanhamento dos Mestre Lelé e seu filho Mestre "Bi" que ficava responsável de repassar as "loas" e "toadas", além da forma corporal que as "figuras" traziam no seu andar, nas falas, na forma de dançar e de interagir com o público, os "trupés" e "pisadas", e o enredo do Cavalo Marinho da região limítrofe (PE/PB). Se tinha todo o cuidado dos mestres na forma de repassar o jeito de "brincar" dos seus antepassados.

Já o Mestre João Araújo ficava incumbido de repassar todo o conhecimento da Rabeca e estética do Cavalo Marinho como: a Construção do Boi, do Cavalo, dos chapéus, das golas dos galantes, dos arcos, das calças e camisas e todas as indumentárias que caracterizavam o Cavalo Marinho da região.

Os Mestres temiam que a forma de brincar da nova geração perdesse a originalidade passada pelos mestres antigos. E se deixar ser influenciada pelo jeito e forma de se brincar dos professores que vinham da linhagem do Mestre Salustiano. Os Mestre locais se perguntavam porque pessoas de fora estavam com a missão de repassar e restaurar um brinquedo no qual eles tinham o domínio e conhecimento, para passar de uma forma pedagógica que se utilizava da escrita e de leituras em busca de propriedades, em torno da manifestação e de sua região.

O projeto tinha objetivo de fomentar os dois Cavalos Marinho, revitalizando todo seu material, e com os jovens do "Movimento Cavalo Marinho" havia um desejo de se montar um espetáculo nomeado de "Cavalo Marinho Boi de Prata" em homenagem ao Cavalo Marinho Boi de Ouro. Com a duração de 45 minutos, trazendo o enredo e característica do jeito e a forma de se "brincar" do Cavalo Marinho do Mestre João Araújo.

O espetáculo trazia toda a primeira parte e o jeito de dançar do brinquedo "Boi de Ouro": banco, composto por rabeca, pandeiro, reco e mineiro; os primeiros personagens a entrar em cena eram Mateus e Sebastião e a Nega Catita; em seguida, Mestre Ambrósio e o Soldado, que depois dessa figura, os professores colocaram a figura do Empata Samba e o

Mané do Baile, característica do jeito de brincar das regiões identificadas como localidade 2 – Norte-Centro e Paulista, que é citada no dossiê INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) do Cavalo Marinho (p. 34-35), seguindo, voltava com a Dança dos Arcos de característica da localidade 1- Extremo Norte e limítrofes e finalizava com entrada do Boi e os Vivas.

> Movimento Cavalo Marinho foi onde tive a certeza que já vivenciava o Cavalo Marinho, mas não dentro do Cavalo Marinho, e sim com pessoas que faziam parte dele como Mestre Lelé e Mestre João Araújo. (MESTRE PEDRO, NOVEMBRO, 2019)

A partir desse movimento, no ano 2006, foi quando se deu início ao Cavalo Marinho Boi Maneiro, pois o espetáculo do Cavalo Marinho Boi de Prata despertou o interesse de pesquisar mais figuras do seguimento do Cavalo Marinho que o Mestre Duda Bilau e Mestre Lelé brincaram. Todo o envolvimento do Mestre Pedro Luiz em pesquisar nas casas dos Mestre e com essas oficinas o fez criar seu Cavalo Marinho e que infelizmente, os outros Mestres haviam parado de brincar, a exemplo do Mestre Nezinho, citado pelo Mestre Pinto como um dos grandes precursores do Cavalo Marinho da cidade de Itambé/PE.

Foi escutando histórias de mestres antigos, folgazões e rabequeiros das cidades "gêmeas", que o Mestre Pedro Luiz despertou em pesquisar e produzir o seu Cavalo Marinho. Dentro de sua própria casa perguntava a seu pai sobre a sua linhagem, se tinha algum parente próximo que já tinha "brincado" Cavalo Marinho, exercendo alguma figura marcante e importante para o enredo da brincadeira. Para sua surpresa o seu avô por parte de pai tinha sido Mestre de Cavalo Marinho.

Ele trouxe na entrevista essas lembranças com inúmeras conversas que teve com seu pai, que recordava dos Cavalos Marinho brincados na Zona Rural de Pedras de Fogo, especificamente na localidade Mata de Vara. Esse Mestre tem ligação direta com os seus antepassados, como ele disse: "o meu avô, o pai do meu pai, ele era mestre de Cavalo Marinho" (Mestre Pedro, Novembro 2019). No seu relato dá a entender que as "brincadeiras" organizadas pelo seu avô eram frequentes naquela comunidade.

> A mãe do meu pai faleceu e o meu pai ficou só com o pai dele durante muito tempo, e o meu pai sempre falava que ele era mestre de Cavalo Marinho, ele que puxava os arcos, que antigamente não existia o dono do Cavalo Marinho não, era quem tinha o material..." (MESTRE PEDRO, JANEIRO DE 2019).

Nessa sua fala nota-se que ele tem uma linhagem artística e cultural da sua árvore genealógica, assim como, na representação de quem era Mestre. Pois os mestres daquela

época ficavam encarregados de organizar os materiais como: máscaras, os arcos, a confecção dos animais e os bonecos gigantes como Mané Pequenino e a Margarita. Já as roupas eram com cada pessoa que fosse brincar na noite de “sambada”.

> (...)cada um que montasse o seu material, sua roupa, seu chapéu da forma que você achasse melhor, por que naquela época era um divertimento, como se fosse uma roupa de São João, que você montava a sua roupa e vinha na rua, comprava naquele mesmo seguimento da brincadeira, nas mesmas cores, nos mesmo traçados e cada um montava e levava...(MESTRE PEDRO, JANEIRO/2019)

O seu avô era o “puxador dos arcos” e “recebedor das figuras”, deixando de “brincar” o Cavalo Marinho, quando um homem foi assassinado durante sua brincadeira, causando-lhe um trauma. Deixou de brincar e impediu que todos os seus parentes de primeiro grau fizessem parte de outro Cavalo Marinho.

> (...) que o meu avô brincava sempre o Cavalo Marinho, mas teve um dia que teve um dos integrantes fez alguma coisa, assim, não sei se era de errado, mas foi alguma coisa fora do Cavalo Marinho, e quando foi naquele encontro, naquela noite, o cara veio e resolveu os problemas que era do lado de fora da brincadeira, dentro da brincadeira atingindo um cara com um tiro de doze, que finalizou a brincadeira ali. O meu pai disse, que ali ele não brincou mais não, não quis brincadeira mais não e levou a vida assim. (MESTRE PEDRO LUIZ, JANEIRO/2019)

Além desse relato de seu pai, sobre a sua origem na manifestação Cavalo Marinho, o Mestre Pedro teve a oportunidade de aprender as “pisadas”, os “tombos”, os “trupés”, o seguimento de “loas” e fala de figuras, tanto com o Mestre Lelé enquanto estava no meio de nós, quanto com o Mestre Nezinho, que também está no outro plano, além dos Mestres Duda Bilau, o Mestre Pinto e com o Mestre Luiz Miguel. Já as “toadas” cantadas teve a orientação do Mestre toadeiro Totonho e “toadas” na Rabeca com o saudoso Mestre Joel da Rabeca, que hoje já não se encontra no meio de nós, “virou estrela e brilha no céu”, nas palavras de Mestre Pedro Luiz.

Ele traz consigo essas experiências e vivências com grandes nomes do universo popular das cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE. Já hoje, um de seu trabalhos é repassar todo o seu conhecimento para as novas gerações, na tentativa de resgatar o “tombo velho”, assim denominado pelos Mestres que ainda estão ativos na brincadeira, e preocupado com a melhor forma de repassar essa maneira de se brincar que diferencia dos outros Cavalo Marinhos. Tudo isso, reforça sua preocupação com a continuidade e perpetuação do Cavalo Marinho em nossa cultura, particularmente nas terras limítrofes, Itambé/PE e Pedras de Fogo/PB.

No próximo capítulo, tentarei esmiuçar as técnicas e maneiras de transmissão desse conhecimento, partindo de três pontos de vista.

Inicialmente, o ponto de vista do Mestre Pinto e depois, o do Mestre Pedro Luiz, que a partir das suas pesquisas com outros mestres, constrói seu jeito e sua estética de repassar o conhecimento do “brinquedo” e sua arte. Por fim, irei apresentar como essas técnicas dialogam com as minhas práticas, a qual denomino de “Professor Brincante”, trazendo técnicas teatrais e jogos juntamente com a essência do Cavalo Marinho, com o intuito de transmitir a cultura do Cavalo Marinho dentro da Educação Básica.

3 AS METODOLOGIAS DE ENSINO DO CAVALO MARINHO

> A voz é um dos segmentos da oralidade, talvez o mais conhecido, muito embora ela se articule de maneira mais ampla, incluindo os diferentes modos de emissão sonora, o uso dos recursos expressivos do corpo e a interação com o ambiente social.(Edimilson Pereira, 2017, p.107)

Nesse terceiro capítulo irei tratar das metodologias usadas pelos Mestres João Tavares da Silva (Mestre Pinto) e Pedro Luiz da Silva Filho (Pedro Luiz), do Cavalo Marinho Boi Maneiro, nas suas maneiras de transmitir o "brinquedo" Cavalo Marinho para os seus filhos e para a comunidade da cidade onde moram, além de trazer de maneira de brincar e conceber essa brincadeira.

Entre outubro e novembro (dezembro de 2019, eu tive a oportunidade de acompanhar as vivências/aulas de aprendizagem com Mestre Pinto e Mestre Pedro Luiz dentro das "sambadas", em que se aprende observando o jeito em que o mestre ou folgazões se posicionam para "pisar" (dançar) e dizer "loas" e, se optar para aprender as "toadas", se colocar atrás do "banco". Tendo só a interferência do mestre e contramestre na transmissão do conhecimento, se houver interesse.

Já no dia 02 e 06 de dezembro, 2019, com o caráter de oficina, todos os folgazões foram para o Galpão das Artes[17], inclusive, eu. Nesse dia se fez presente só quem fazia parte do Cavalo Marinho Boi Maneiro. Na oficina, os Mestres tiraram dúvidas especificas sobre "pisadas", "trupes", "loas", "toadas" e "figuras", nos falando sobre respiração, posicionamento do corpo e apontaram as dificuldades dos integrantes. Essa oficina teve a duração de seis horas. Ela começou às dezoito horas e terminou à meia noite. Eles orientaram os músicos e folgazões de forma mais direta do que nas próprias sambadas e vivências na comunidade. Esses encontros foram fundamentais para os resultados expostos neste capítulo.

Só assim pude dialogar minha prática de pensar e repassar o ensinamento do Cavalo Marinho com as deles. Suas contribuições foram fundamentais, porém, não posso furta-me das que aprendi observando, quando em uma das noites de jogos de bozós, em que meu pai promovia, ele também convidava os Cavalo Marinhos das cidades Pedras de Fogo e Itambé (PB/PE), para brincar no nosso "terreiro". Com esse contato com o Cavalo Marinho também aprendi a brincar.

[17]"Galpão das Artes" –Um espaço físico onde acontece várias apresentações de artistas locais e regionais, além de ensaios e oficinas para toda comunidade. Esse espaço comporta em torno de 50 pessoas, localizado na Rua Santo Antônio, em Pedras de Fogo/PB. Atualmente, enquanto se constrói a sede do Cavalo Marinho Boi Maneiro em Itambé/PE, esse espaço é para alguns brincantes sua sede, principalmente para o Mestre Pedro Luiz.

Dessa maneira, quando analiso a brincadeira, apresento as práticas e métodos de ensino dos mestres Pinto e Pedro Luiz, com as minhas vivências, no intuito de esclarecer melhor a transmissão dessa manifestação popular. Reflito sobre os três contextos que atuamos no Cavalo Marinho: educação informal, não formal e formal, buscando não perder a força sócio histórica presente em sua prática.

A primeira consiste na educação do cotidiano, ou seja, a relação dos folgazões com a família e sua comunidade. A segunda, que consiste na elaboração de projetos ou ações pedagógicas sem compromisso direto com a formalização do ensino e a última, está ligada à transmissão do ensino do Cavalo Marinho no espaço escolar, seguida por uma proposta curricular.

Ainda nesse contexto, saliento que o enredo do Cavalo Marinho vem das vivências de uma época em que as pessoas tinham dono, em que as "brincadeiras" eram chamadas de "vadiagem", suprimidas e proibidas de acontecer por uma sociedade conservadora, escravocrata e fortemente, patriarcalista.

Porém, foi por sua pedagogia que se conseguiu resistir a essa estrutura de sociedade e ao mesmo, transmitir como instrumento cultural e pedagógico. Assim, é possível repassar esse conceito para nossa geração e para as futuras, pois o Cavalo Marinho tem um potencial educacional e social que até hoje faz o trabalho de socializar, transmitir ou perpetuá-lo dentro de comunidades periféricas da Zona da Mata Norte de Pernambuco e a região limítrofe do litoral da Paraíba.

É nesse século XXI que construímos caminhos rumo à educação dentro de espaços educacionais formais e não formais, na construção de pensamento de salvaguarda desse brinquedo considerado pelo IPHAN (Instituto de Pesquisa Histórica) como Patrimônio Imaterial do Brasil.

Assim para esclarecer sobre educação informal, não formal e formal dentro do contexto do Cavalo Marinho é compreensível que o pensamento sobre Cavalo Marinho trazido pelo Mestre Pinto veio da educação informal, pois aprendeu tudo praticando com o seu pai nas noites de sambadas em sítios próximos das cidades ou mesmo nas cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE e também escutando histórias sobre Cavalos Marinhos em sua infância, em noites de conversas depois da janta. Quando pensa na forma de transmitir as

Dança/Teatro/Música/Literatura[18], ele trouxe tudo isso na forma que aprendeu na prática, pois: "se aprende Cavalo Marinho na noite de Sambada", afirma Mestre Pinto.

Mestre Pinto brincou Cavalo Marinho Boi de Ouro com todos os Mestres dos quais tive a honra de ver brincando, e ainda os que conheci através de história contada por meus pais, como: Mestre Nerzim, Duda Bilau, Mestre Lelé, Mestre João Araújo e Mestre Luiz Miguel. Na sua prática, ele sempre faz referências a todos os Mestres citados acima. Afirmando e reafirmando que todos os seus conhecimentos sobre o Cavalo Marinho vieram deles.

Já Pedro Luiz, um dos mais novos em atuação, vem do ensino informal passado pelos seus avôs e tios, mas desenvolveu seus saberes depois de oficinas e *workshops* ministrados por Mestres e "brincantes" locais e regionais do estado, em projetos sociais com características do ensino não formal.

Foi assim que despertou o interesse de mergulhar em sua própria pesquisa. Passou a frequentar as casas dos mestres como: Duda Bilau, Mestre Lelé, Mestre Nerzim, Mestre João Araújo, João "Gambá[19]", Mestre Zé da Rebeca (Jangada), Luiz Miguel e o próprio Mestre Pinto. Foi assim que juntou seus vídeos e imagens das suas idas e conversas nas casas dos Mestres e utilizando essas fontes, inclusive, os Mestres como material de pesquisa para sua formação. Usando esse material como fonte primária de pesquisa para fazer suas vivências de prática de ensino do Cavalo Marinho, tanto ministrando oficinas dentro de espaço formal, como repassando para os jovens dentro de sua comunidade. Através das noites de "sambada" ou em projeto sociais foi que o Mestre Pedro se consolidou, além de criar seu próprio Cavalo Marinho.

Pedro Luiz traz um pensamento sobre Cavalo Marinho com o olhar do ensino não formal, e pensa em como estruturar uma pedagogia e método de transmitir a Dança/Teatro/Música/Literatura. Assim, ele programa a aula pensando qual didática melhor para se utilizar nas suas relações de ensino-aprendizagem.

Nos próximos tópicos, detalharei os seus modos de ensino, compreendidos ao longo desta pesquisa, a partir de entrevistas, observação, participação nas atividades e revisão dos

[18]Literatura a qual me refiro, é a transmissão das poesias do Cavalo Marinho que são ditas em "Loas", pelas Figuras e Galantes na hora dos arcos.

[19]"João Aivira (Popularmente João Gambá)" mensionado no primeiro capitulo Mestre de Cavalo Marinho da Zona rural conhecida como Jangada da cidade de Pedras de Fogo/PB, tendo característica parecida com o Cavalo Marinho da Paraíba, especificamente com o Cavalo Marinho Infantil da Mestra Tina do Bairro dos Novais da grande João Pessoa, conhecimento repassado pelo seu Mestre João do Boi. Podendo se destacar com a figura do "Bírico".

Mestres citados. No final, apresentarei brevemente o modo como venho desenvolvendo o ensino do Cavalo Marinho dentro do Ensino Formal, na rede pública Estadual da Paraíba.

3.1 MÉTODOS DE ENSINO DO MESTRE PINTO TRANSMITIR O CAVALO MARINHO

> "A oralidade é um dos mais importantes suportes de comunicação e transformação de informações e saberes em diversas sociedades". (EDIMILSON PEREIRA, 2007, p. 207)

O Mestre Pinto em um de seus relatos durante a entrevista para construção desse documento, trouxe em suas lembranças o modo de como se aprendia e repassava os conhecimentos do Cavalo Marinho das cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE, deixando claro em suas palavras que se aprende "brincando", "conversando" e "fazendo".

Explica que nas noites de brincadeira, que acontecia quase todos finais de semana, na zona rural e na zona urbana, ele reafirma isso dizendo que "é quando se aprende a brincar". É nessas noites que se vê as "pisadas", as "loas", as "toadas". Quando acontece uma "sambada", ficam todos no pé do banco para escutar melhor e ver a maneira dos mestres e folgazões se posicionarem para dançar e colocar as "figuras".

As sambadas garantiam uma duração de 08 horas, podendo chegar até mais, de observações e prática do Cavalo Marinho, vindo a se tornar um universo de experimentação corporal e vocal, pois enquanto experimenta a dança, automaticamente se põem a cantar.

Na visão do Mestre, um folgazão está apto para experimentar outras funções no brinquedo, a partir de quatro a cinco anos ocupando uma posição nos arcos, em um mesmo Cavalo Marinho. Essas outras funções seriam Figureiro[20], Banqueiro[21] ou ainda ser um dos Mateus[22]. Essa foi a forma como ele mesmo aprendeu como explica: "Fui ficando por ali, olhando, olhando, brincando no meu cantinho como Dama, até que me deu aquela vontade de colocar uma figura, aí eu disse: Mestre vou colocar o Mestre Ambrósio na brincadeira de hoje, viu?!"(MESTRE PINTO, NOVEMBRO/2019).

Isso evidencia como se estrutura o ensino dos mestres, pois foi assim que o Mestre Pinto aprendeu a brincar de Cavalo Marinho, reforçando como isso reflete na sua vivência e

[20]"Figureiro" – "ator social" que se propõem a colocar (interpretar) todas as "Figura"(Personagem), fazem parte do enredo e conta as histórias que passam no Brinquedo popular Cavalo Marinho.

[21] "Banqueiro" – Músico que dita o ritmo e o enredo cantado nas entradas e saídas das "Figuras" que nos traz na intepretação uma ação do cotidiano dos tempos passados que dialoga com algumas ações do tempo presente.

[22] Mateus - No Cavalo Marinho se referem a Mateus, Bastião e a Catirina, personagem que traz em sua forma de se expressar na brincadeira, características dos trabalhadores da cana de açúcar. Traz um gracejo de um triangulo amoroso.

no modo de repassar o conhecimento. Ele vai deixando que os seus aprendizes entendam a hora de experimentar outra forma de se brincar e se permitir a mergulhar em outros saberes que compõem o "brinquedo". Significa deixar a sua função para assumir outra, lhe proporcionando autonomia e responsabilidades maiores na construção de outras identidades corporais na estruturação das cenas do Cavalo Marinho.

Figura 1- Mestre Pinto ensinando o trançado na dança dos "aico".Abril/2019.**Fonte**: Arquivo pessoal do autor

É na prática, ou seja, no brincar, que se aprende o Cavalo Marinho. As noites de brincadeiras possibilitam quem brinca a aprender. Isso ocorre pela transmissão oral. Sente-se sua importância no corpo, no processo de montagem e desmontagem dos elementos da brincadeira até chegar o dia em que se brinca o Cavalo Marinho.

Os "brincantes veteranos[23]" e aqueles que se interessam junto com o Mestre chegam no "terreiro" onde irá acontecer a "sambada", por volta do final da tarde, e ali já tem sua primeira aula vivência. Eles montam juntos a estrutura técnica[24] para acontecer a "sambada", procurando a melhor forma dele acontecer. Enquanto isso, alguns ficam montando os materiais, o mestre fica dando volta no local da apresentação, cochichando palavras de "encantamentos". Geralmente quem permanece ao seu lado nesse momento é o "Contra Mestre".

Depois de fazer a limpeza espiritual e material no local, em que irão passar as "figuras", se verifica o melhor lugar para montar-se a "toada", pensando em uma estratégia em que as pessoas não saibam de onde estão vindo as "figuras". Com o intuito de causar uma surpresa e ao mesmo tempo sustos e risos no público presente.

---

[23]"Participante" que estão na visão dos Mestre prontos para aprender a gerir e organizar uma brincadeira.

[24] "Gambiarra" – Fios e lambadas que faz a iluminação do espaço; Som – microfones, caixas de som e ponto de energia e "Toda" - Camarim em que os Brincantes trocam de roupas e se vestem de "Figuras".

Observa-se também a posição em que se coloca o "banco", sempre a favor do vento, procurando perceber a sua direção facilitar na propagação da voz, evitando alguma inflamação na garganta por conta da poeira do "terreiro", além de ficar mais audível o que está sendo cantado para os ouvintes, tanto para quem brinca escutar para na hora de responder ao banco quanto para o entendimento de quem está prestigiando.

É também nesse momento que o Mestre nos leva a pensar nas montagens do espaço, nos ensina como é feita a produção para o acontecimento do Cavalo Marinho. Ele é uma grande festa que inclui a vida da comunidade no seu jeito de brincar, em sua estrutura e figuras. Assim sendo possível de identificar o contexto sociocultural, político e econômico de sua comunidade.

Tudo isso é aprendizagem para quem deseja brincar e aprender o Cavalo Marinho. Vejo como uma forma de aula, que ensina a pensar na logística do local em que acontecerá uma noite de evento, nos faz refletir sobre o melhor espaço, a segurança, o local de apoio, a alimentação e a negociação da ajuda de custo, (quando se "brinca" nos "terreiros de "barraca[25]" se negocia uma ajuda de custo, mas para apresentação fora se tem um valor de cachê).

Depois de pensar na estrutura do espaço, no qual irá acontecer a brincadeira e antes dos "folgazões" chegarem, o mestre inicia sua prática de transmissão conversando com o Mestre "toadeiro" juntamente com os mais jovens que compõem o banco. Ele conversa sobre o ritmo e a resposta do canto, orienta o "toadeiro" para tocar o pandeiro em um ritmo mais compassado, para poupar energia no início, podendo aumentar em partes marcantes como na toada "Engenho de Beleza[26]".

Meu engenho de Beleza, hoje o canto já moeu
A primeira melaturaheê! É do capitão Mateus
Heê!heê!heê!heê!
No Engenho de Beleza, todos canta para moer
A segunda MelaturaHeê! É do Bastião Mateus
Heê!heê!heê!heê!

[25] "Barraca" ou "Venda" – Local considerado como um "mercadinho" que a noite se torna um local em que as pessoas vêm se divertir.

[26]Toada de levante que é cantada no meio do Cavalo Marinho para tirar o cansaço dos folgazões e descansar os figureiros, dando um tempo para respirar no intervalo de uma figura para outra. Ela começa com o chamamento do Mateus para dançar e vai até o Mestre do Cavalo Marinho. Isto se caracteriza com um disputa de resistência entre os brincadores.

Depois de refletir com os “banqueiros” sobre os ritmos das músicas, postura e participação, se coloca posicionado em pé, no lado direito do rabequeiro no banco, como um professor que depois de preparar sua sala, espera ansioso pelos seus aprendizes. Com o apito na boca sinaliza para a sua orquestra o início das toadas de “levante” e assim inicia a brincadeira guiada pelo instrumento melódico da Rabeca, acompanhada pelo voz que dá o ritmo ao pandeiro e junto com as segundas vozes “mineiro”(Ganzá) e “Reco de Bambu”, além de formar a orquestra que canta e toca todo o enredo.

Figura 5- Banco do Cavalo Marinho Boi Maneiro em uma apresentação no Bairro do Maracujá em Itambé/PE, Mestre Pinto atrás do Banco esperando os Folgazões. Dezembro/2018 – **Fonte**: Arquivo pessoa do autor

O apito soprado sinaliza o início do brinquedo, assim como na escola o toque da sirene para dá início às aulas, no entanto, no Cavalo Marinho, na companhia do apito está a música que representa a liberdade. Portanto, assim que a comunidade escuta as músicas, todos vão se aproximando do “banco” e do Mestre. Nesse momento, todos se posicionam na frente do “banco”, começando a se movimentar como um “trupé”.

E aquele(as) que vieram prontos para se experimentar nas movimentações do trupé do Mestre, se coloca atrás, permitindo-se deixar que o mestre os guie na sua aprendizagem do movimento. Ao perceber que todos estão envolvidos no seu ritmo corporal, pede para o “folgazão” que é o seu contramestre assumir a sua posição, para que possa observar de fora os que ainda estão em dúvida na execução do movimento.

Depois ele sai caminhando até algumas pessoas que estão de fora da brincadeira e expressam algum movimento para brincar, assim os orientam na execução dos movimentos, no ritmo corpóreo, que vem embalado pelo som do “banco”. De uma forma sutil em uma conversa próxima do ouvido, orienta quem observou os movimentos da brincadeira e depois

se posiciona de lado, pegando na mão como se fosse ensinar a escrever, pede para seguir os movimentos das pernas e dos ombros junto com o quadril encaixado. Ao entender que não há mais dúvidas se retira e vai para outro aprendiz.

Este momento das "pisadas" e "trupés" é considerado pelo Mestre Pinto um momento de grande aprendizagem e vivenciado como "esquento[27]", por quem faz parte dessa manifestação. Ele traz nas suas lembranças o jeito que aprendeu a brincar, inclusive, ele diz: "quando o meu pai me levava para a brincadeira e bem no início me colocava para sambar junto com os meninos, era para eu pegar gosto pela brincadeira e o jeito deles" (MESTRE PINTO NOVEMBRO/2019).

Nesse seu relato, ele aponta como era o jeito de transmitir a brincadeira nos tempos de sua juventude. E finaliza dizendo: "hoje a gente vê muita gente fazendo a brincadeira, tem até DVD, mas antigamente a gente aprendia no samba a colocar figura no dia que iria brincar" (MESTRE PINTO NOVEMBRO/2019).

A forma que foi passada e entendida pelo mestre é a maneira que ele se utiliza para repassar o seu conhecimento às novas gerações. Pude acompanhá-lo durante os ensaios no mês de dezembro/2019. O mestre, como em uma "sambada", se posicionou em frente ao banco improvisado composto pelo Mestre toadeiro Totonho, com voz e pandeiro encarregado pelo enredo da brincadeira. No "Reco", o aprendiz, um jovem chamado Alexandre, que se interessou pelo brinquedo quando viu o Cavalo Marinho Boi Maneiro, brincando dentro de sua comunidade e passou a frequentar as "sambadas" do Cavalo Marinho no "Mineiro". O Mestre Luiz começou a brincar Cavalo Marinho em 2017 na escola de Arte Casarão da Cultura em Pedras de Fogo/PB; depois foi rabequeiro e organizador do Cavalo Marinho Boi Maneiro.

Mestre Pinto passa quase uma hora olhando atentamente para os nossos pés, joelhos, quadris, ombros e cabeça. Hora balançava a cabeça afirmando sim, quando percebe a interação dos mais jovens com a dança, e não, quando no seu entendimento aquela pisada que estava sendo executada está fora do contexto e de sua maneira de dançar. Para cada movimentos que fazíamos nos trupés, uma reação se via saindo do seu corpo. Tudo muito em sintonia. Seu corpo imediatamente respondia com seu olhar para nós, aprendendo a brincar Cavalo Marinho.

No momento em que já estamos aparentemente com os nossos corpos cansados, o Mestre se levanta e nos direciona, apontando que estávamos rápidos demais e saltando muito.

[27] Esquento é uma forma de nomear um aquecimento.

Depois falou para o banco que o ritmo é no compasso mais lento, no “miudinho”, joelho flexionado na postura de base, coluna encaixada, braços soltos na frente e olhares vivos.

Ele também nos orientou a começar com os balanços dos ombros para direita e para esquerda, pois assim, nos impulsiona a realizar o “trupé rasteiro", de uma forma que ficamos enraizados como se fôssemos uma “árvore balançando sem sair do lugar”. Ele disse também que devemos encaixar nos movimentos das pisadas junto com a respiração e no compasso lento do som do pandeiro. Nos chama a segui-lo, para assim aprendermos a poupar as energias, evitando futuras lesões.

> A experiência dos antepassados se apresenta como um referencial para o homem contemporâneo que trilha antigos caminhos, espera descobrir respostas novas para enfrentamentos também novos. Essa situação evidencia um sistema complexo no qual o indivíduo e o grupo tecem conjuntamente as suas identidades, forjando laços de vida material e simbólica que tendem a se tornar duradouros. (EDIMILSON PEREIRA, 2007,p. 101)

Essa reflexão se encontra presente na forma de ensinar do Mestre Pinto, no seu método observamos o cuidado histórico da origem do brinquedo e o jeito de repassar o conhecimento, adotando um jeito único de aprender e ensinando o que se sabe. Sem julgamento, do jeito e formato do corpo do outro, se colocando sempre em uma posição de escuta.

O mestre vai dizendo “loas” e fala de “figuras” no ouvido dos “folgazões”, pedindo para que reproduzamos o jeito e a forma que ele estava ensinando. “Esse era o jeito que os meus mestres me ensinavam. Era conversando no pé do ouvido e ao mesmo tempo em que dançavam” (Mestre Pinto dezembro/2019). E quando vai ensaiar um personagem, sua cena constrói uma paisagem imagética contando uma história.

> Antigamente a rua onde meu pai mora, era toda de barro vermelho, na esquina da sede da Portuguesa, mas conhecida com esquina de Lau, tu não era nem nascido ainda. Ali era onde aconteciam as sambadas de Cavalo Marinho até o raiar do dia. Diz os mais velhos que uma noite de brincadeira, a gente era jovem ainda não me lembro, mas o Mestre Léle era que sempre contava essa estória para gente, chegou um camburão com dois policiais dentro, era um rural velha. Assim que os Mateus entraram para fazer empeleitada com o Capitão. Esses camaradas dizem que vai acabar a brincadeira na tapa, aí o Sebastião saltou do lado e disse “só se for homem para acabar com a brincadeira”, e aí o Mateus e o Sebastião se agarram com os dois policias e o cacete comeu no centro, os camaradas entraram da rural em cima de vaias e gritos do povo e foram embora e a brincadeira comeu no centro”.(MESTRE PINTO, NOVEMBRO/2019)

Depois dessa história, também nos contou da importância de sempre representarmos a passagem do “Soldado Véio da Guarida”, reafirmado que na época dos seus pais, a violência policial era mais dura e frequente, que em vez de proteger as pessoas que estavam no “brinquedo”, acabavam com a festa. Eles chamavam todos de “vadios” e “vagabundos”. “Mas nós resistíamos e lutava contra esses preconceitos, até hoje é assim”, disse o Mestre Pinto.

Ele também explicou que cada figura representa uma cena de situações sociais do passado. Além de ser muito apresentado em datas comemorativas. A exemplo, ele diz que: “cavalo Marinho é da época dos reis, que meu pai dizia pra gente no jantar, que veio mudando com o tempo” (MESTRE PINTO DEZEMBRO/2019).

Essa sua expressão reforça o caráter das apresentações do Cavalo Marinho em datas comemorativas da sociedade e de suas instituições. Além do mais, se olharmos profundamente o que diz Mestre Pinto, percebemos a sua prática de ensino, de um homem que nunca frequentou uma escola, mas traz uma ancestralidade sem tamanho, que passou por seu pai e pelos mestres antigos com os quais teve práticas de aprendizagens brilhantes. Não só ensinando parâmetros de movimento, mas fundamentando suas orientações na tradição do Cavalo Marinho.

Esta brincadeira além de ser parte da vida da comunidade, em sua maioria, descendentes de negros, traz a marca do homem trabalhador na agricultura ou no corte de cana de açúcar. Pois, em sua maioria, quase todos faziam parte dessa brincadeira. Muitos deles, muitas vezes tinham que andar quilômetros para participar da brincadeira e ser membro do Cavalo Marinho. Muitas vezes, cansados, depois de uma semana de trabalho árduo, eles participam, brincavam e se divertiam com o Cavalo Marinho.

Com a entrevista ao Mestre Pinto, ficou claro seu desejo de repassar todos os seus conhecimentos para a nova geração, pois teme, que o jeito de brincar, possa se acabar com o tempo, principalmente, com o avanço da cultura de massa, que afasta cada vez mais os jovens da cultura de raiz. É importante também ressaltar que o método do ensino de Mestre Pinto se assemelha ao que Edimilson Pereira explica sobre o ensino informal:

> Numa forma de apreensão e de transmissão do saber, que se baseia no ensino-aprendizagem através do convívio entre educador e educando, ligados, pelos laços de família, na oralidade como suporte comunicativo e no sagrado como legitimador dos discursos e das ações dos sujeitos. (EDIMILSON PEREIRA, 2007 p. 104)

3.2 ENSINO DO MESTRE PEDRO LUIZ:TRANSMISSÃO DO CAVALO MARINHO

> O saber popular não é algo inconsistente e miserável. Mas um saber desagregado, contextualizado mediante a realidade vivida. Saber este, permeado por singularidades e "inteligências objetivas" Marx;Engels,(1989), produzidas nas relações sociais por meio de desigualdades e posições, ora de poder ora de submissão em uma sociedade dividida em classes. (ANA LOLE, 2018, p. 64, *apud* BARBARA WHITE, p.63)

Com essa reflexão, começo a apresentação dos métodos de ensinar Cavalo Marinho, utilizados por Mestre Pedro Luiz em suas aulas de caráter não formal, vinculada à secretaria de Serviço Social, da cidade de Itambé/PE, no programa "Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo" e na cidade de Pedras de Fogo, na escola de "Arte Casarão da Cultura", vinculado à secretaria de Cultura.

Nesses dois projetos, ele tem a missão de ensinar o gosto de brincar e apreciar o Cavalo Marinho, resgatando falas respeitosas referentes ao "brinquedo", além de transmitir o papel do Cavalo Marinho como instrumento de consciência social. Ele traz consigo, a ancestralidade, sua visão sobre os cultos religiosos, além do sarcasmo em suas falas e no corpo, explicando que o Cavalo Marinho carrega o peso histórico do seu tempo, de cenas cotidianas, trazendo temas sociais, políticos e religiosos dentro do contexto do Cavalo Marinho. Muitas vezes, esclarecendo a relação entre patrões e empregados e nosso papel na sociedade frente as essas questões e outras mais.

Gostaria de deixar registrado que suas práticas educacionais não estão só ligadas ao ensino do Cavalo Marinho, mas também aula de Percussão de Maracatu baque solto, manipulação e confecções de Babau/Mamulengo, que ele denomina Babaulengo, Caboclinhos e Lapinha do Pastoril. Ele se relaciona com outras práticas de manifestações populares, cuja finalidade é contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. Ele procura com suas brincadeiras trazer a realidade presente na vida dos jovens do século XXI, principalmente, dos que vem de locais periféricos em que a vulnerabilidade tem um índice muito alto. O público de suas aulas são estudantes das redes públicas das cidades de Itambé/PE e Pedras de Fogo/PB, que estejam interessados a participar dessas aulas por meio dos programas e projetos citados acimas.

Mas aqui irei me atentar só para a prática do ensino do Cavalo Marinho, tendo em vista a sua preocupação na preservação do "brinquedo". Com intuito de fomentar futuros "Folgazões" e apreciadores defensores da cultura local e despertar na prática, futuros "atores

sociais" e mestres, que irão fazer parte das estruturas dos Cavalos Marinhos ainda existentes nas cidades citadas.

A sua forma de ensinar consiste em três pilares, os quais denomina "base do Cavalo Marinho", julgando fundamental para a estruturação de um Cavalo Marinho. Inicialmente, "toadeiro"- pessoa que toca o pandeiro no "banco", portando do conhecimento dos saberes das entradas e saídas de "figuras", suas "toadas" cantadas e todos os versos e falas que interagem entre "si"; "O Mestre" – que em sua visão é detentor das "Pisadas/Trupes e Carreiras", utilizada nas coreografias, durante todo o "brinquedo" e nas performances das "Figuras" e por fim o "Mestre Mateus" – que tenha uma boa prática na dança e na comicidade de transformar em várias histórias vividas de dentro da comunidade e também piadas durante o intervalo da entrada e saída das figuras como o capitão.

Ele também defende em seu discurso "três pilares" na estrutura do brinquedo. O "Banco" que expressa a musicalidade, as "Pisadas" que são as coreografias, chamadas também de "tombo velho" e a "poesia" que são as "loas" e as falas das "figuras". Segundo ele, são elementos que formam um "Bom Cavalo Marinho". Um está ligado ao planejamento das aulas com a música no elemento do "Banco", o outro se refere ao jeito de brincar de sua localidade, são as pisadas também chamadas por ele de "tombo velho" e por fim as figuras que fazem todo o enredo acontecer.

Em uma de suas falas, ele deixa claro que o ponto de partida da "brincadeira" é a música, "Quem começa o samba? É o banco cantando toadas de chegança e anunciação do brinquedo, por onde mais eu iria começar?"(Mestre Pedro Luiz, Janeiro/2019).

Ele também esclarece que quem dá voz ao brinquedo, com sua "toadas" e "loas" são os "banqueiros". Antes de repassar o seu conhecimento, desenha o formato do "banco", fazendo uma ilustração com os bonequinhos que lembra os músicos, para assim, explicar a estrutura musical e como os "banqueiros" se posicionam. Tudo isso escrito no seu caderno de anotações.

A primeira anotação apresenta os instrumentos e a maneira que se toca, contando suas histórias começando pela "Rabeca". Ele diz que ela vem da família do violino. Já o "Pandeiro", faz alusão ao passado, ele lembra que antes tem que curtir o couro de animal que serve de pele para o instrumento, enquanto "Mineiro" ou "Ganzá", ele relata que antigamente se fazia com "latas de óleo e sementes ou arroz", para emitir o som de um chocalho e "Reco", feito de bambu e uma mola de frenagem de moto ou carro.

Depois de apresentar os instrumentos, ele faz com que todos possam experimentar, tocando cada um dos instrumentos. Quando uma criança ou um jovem se identifica com o

instrumento, ela começa a sua prática, e ele deixa que o leve para estudar em casa as lições passadas durante as aulas, além de estimular seu aprendiz a não só tocar, mas cantar enquanto toca. Ele passa as músicas de forma oral e as repete diversas vezes, para que possam decorá-la e vir na próxima aula pronto para responder o "toadeiro", ajudando na segunda voz.

Depois de montar o "banco", ele passa a ensinar o que denomina o "segundo pilar": os "trupés", as "pisadas soltas", o "mergulhão", a "dança dos arcos" e a "carreira". Tendo o cuidado de informar e transmitir o jeito dos antigos "folgazões" dançarem. Ele também passa a estimular os alunos, desafiando-os a percorrer em suas memórias uma paisagem sociocultural da vida dos trabalhadores do corte da cana de açúcar. É desse jeito filosófico, que o Mestre Pedro Luiz traz nas suas falas, as histórias dos Mestres, que o inspirou.

> Se pergunta a qualquer mestre, como eles faziam para chegar nas sambada de Cavalo Marinho? Vão responder: Era a pé mesmo, tudo ficava longe antigamente, ficavam muito longe de sua residência, sítios vizinhos, que só caminhando dava umas quarenta a uma hora de caminhada. Diga aí, a pessoa trabalha o dia todo cortando cana e ainda ter que caminhar esse tanto de horas para dançar a noite toda, tem que amar o que faz! (Mestre Pedro Luiz, dezembro de 2019)

Depois dessa fala afirma que com essa prática, os corpos já ficavam preparados, condicionalmente, para aguentar uma noite de "sambada", usando como exemplo o joelho flexionado e braços soltos, começando o trupé e seguindo a dança para direita e para esquerda, sempre na movimentação dos ombros que guiam as pernas. Em um ritmo compassado (usando o som mecânico), possa conter as energias. "Como o balanço das ondas do mar, que tem o seu próprio tempo", segundo o Mestre Pedro Luiz. Para ele, a energia concentra-se no centro do corpo, para depois espalhar para as periferias corporais, isto é, os membros, assim surgindo os "trupés" que dá forma à maneira como se colocar na brincadeira.

Depois que todos estão dominando e entendendo o seu corpo nas "pisadas", segue o terceiro pilar, a figura do Mestre Mateus. Assim, ele escolhe primeiro os garotos que iram ser o Mateus, Sebastião e Catirina, chama-os para o lado e conversa com sobre a história, depois de forma oral e corporal passa as falas e "loas" de cada um deles, trazendo em seu corpo o jeito de dançar, falar e as "quedas" (os possíveis erros que o aprendiz comente no processo de aprender a "brincadeira" do Cavalo Marinho). Isto ocorre diversas vezes, para que o aluno possa acumular o máximo, os códigos corporais.

Figura 6 - Métodos de ensinar as Pisadas utilizado pelo Mestre Pedro. Novembro/2018 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor

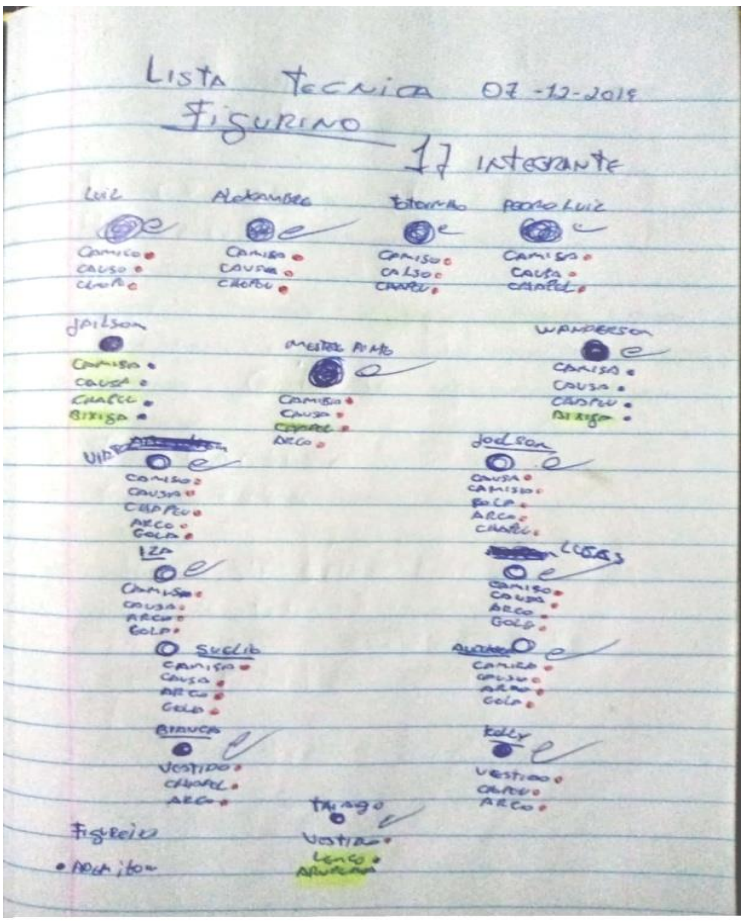

Figura 7 - Estrutura da formação do Cavalo Marinho Utilizada pelo Mestre Pedro. Dezembro/2019 – **Fonte**: Arquivo pessoal do autor

É a partir dessas imagens observadas que eles aprendem e entendem como é que se apresenta os novos “Mateus, Sebastião e Catita”, que irão ter como ponto de partida a experimentação no seu corpo. Toda a movimentação e prática trazidas pelo professor Mestre Pedro Luiz estimula os aprendizes a confiar em si e se colocar no jogo da “brincadeira” de maneira confiante.

Figura 8 - Mestre Pedro Luiz explicando a Dança dos Aicos (arcos) no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV). Outubro/2019.**Fonte**: Arquivo pessoa do autor

Já para quem vai aprender a colocar figuras, forma-se um círculo, posiciona-se no centro, começa falando sobre o “Mestre Ambrósio”, mostrando suas entradas e suas falas como gestos e a maneira de se locomover, sendo um “figura” que traz no seu jeito de apresentar no Cavalo Marinho, as outras “figuras” que se passa dentro do “brinquedo”. Assim que vai demostrando no seu corpo todas as outras, e repetindo e tirando dúvidas, os alunos podem escolher qual “figura” irá experimentar no seu corpo.

> O Mestre Ambrósio é uma das figuras detentoras do conhecimento, das outras figuras que brincar em uma noite de samba. Como o Cavalo Marinho se apresenta, começando com a entrada do Mateus, Bastião e Catita, depois a sua própria entrada, Soldado, Mestre nos Arcos e por ai vai... (MESTRE PEDRO LUIZ, DEZEMBRO DE 2019)

As aulas do Mestre Pedro Luiz dentro da educação não formal, são estruturadas dessa forma que descrevo acima. Também utiliza-se de vídeos de documentários relacionados a Cavalo Marinho, usando das próprias pesquisas e de pesquisas de outros pesquisadores do campo acadêmico e popular. Usando como referência a história sobre a estrutura do Cavalo Marinho, os vídeos do INRC do Cavalo Marinho, feito pelo o IPHAN em 2014.

O Mestre Pedro Luiz transmite para seus alunos uma imagem de como era brincado o Cavalo Marinho e também suas mudanças ao longo do tempo. Para ele, há várias formas de se brincar o Cavalo Marinho e seus conhecimentos e maneira de concebê-lo. Assim, ele relaciona isto com o que é brincado nas cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE com intuito de trazer para os seus aprendizes a existência diversas formas de brincar o Cavalo Marinho, considerando que ele é mutável, de acordo com sua localidade e manifestação.

3.3 ENSINO DO CAVALO MARINHO: EXPERIÊNCIADE SALA DE AULA DO ENSINO FORMAL

> “Através da linguagem o homem estabelece e sustenta teias de comunicação, revela a si mesmo e o outro, articula argumentos para entender a dinamizar sua existência”.(EDIMILSON ALMEIDA, 2017, p. 257)

A forma de pensar o ensino do Cavalo Marinho para dentro de uma sala de aula do ensino formal requer uma elaboração teórica e técnica partindo de prática, para só assim envolvê-los no universo da “brincadeira”, buscando dentro de seu imaginário as suas experiências socioculturais das manifestações presentes dentro de sua realidade.

Partindo de uma linguagem oral inspirada nos ensinamentos dos meus Mestres de Cavalo Marinho, não apenas os que estão citados neste trabalho, mas também os que passaram e ainda os que estão presentes. Decidi apresentar o Cavalo Marinho através de contação de história, com a hipótese de usá-la para uma construção linear de pensamento imagético, dialogando com uma realidade social do século anterior.

Quando indago aos alunos sobre a existência da manifestação popular do Cavalo Marinho, a maioria me responde ser um animal do mar. Foi com essa resposta que uma das minhas primeiras aulas, na Escola Municipal de E.F. Castro Alves, localizada no bairro de

Oitizeiro, no Ensino Fundamental I(3 C), me veio a ideia de fazer uso da contação de história para gerar neles o interesse em conhecer o "brinquedo" Cavalo Marinho, em específico, das cidades de Pedras de Fogo/PB e Itambé/PE.

Baseado nos fatos históricos encontrados na leitura do documento INRC do Cavalo Marinho, Dossiê vol. 2, construí uma história me utilizando de uma referência dada de uma "brincadeira" do Cavalo Marinho. Veio à tona a minha primeira aula, "Contando história para conhecer um pouco da história de nossa ancestralidade", tendo como foco a história do Cavalo Marinho.

A história ficou assim:

> Era uma vez, em um tempo muito longe, pessoas tinham dono e trabalhavam sobre forte repressão, dentro das plantações da cana de açúcar. Em busca de ter um momento de lazer, criaram o Cavalo Marinho. Em noites de Santos, depois das moagens e nos finais de semanas faziam festas, trazendo as brincadeiras realizadas pelos seus antepassados vindos do além mar. Na noite de março do dia 08 de 1871, o delegado de polícia de Nazaré da Mata, registrou uma ocorrência, feita pelo o senhor de engenho de Alagoa Seca.
> -alô!alô! é da delegacia, pois entre meu engenho e o engenho Urubu, tem um pequeno arraiá, ali nos dias santificados, ocorria reunião de vadios e folgazões e hoje tem cerca de 60 escravos, gostaria que o senhor seu delegado possa me auxiliar na captura de dois deles, que é conhecido popularmente por influenciador nesses negócios de Cavalo Marinho e outros brinquedos, que ali se encontram para vir sinistro.
> E lá foram dois camburões, duas rural cada uma com quadro policiais dentro. Quando chegou viu aquela enorme festa, pessoas dançando, comendo e bebendo, dão voz de prisão, mas parece que ninguém está interessado. É quando um dos soldados tem a ideia de parar a banda, se confundindo com o banco de Cavalo Marinho, que está sendo guardado por dois Mateus. Começando o conflito, obrigando-os a recuar e voltar com reforços e assim capturando os dois escravos fugidos.

Na contação de história quando me refiro ao Cavalo Marinho relato toda sua estrutura usando exemplos, que possam levar o aluno para dentro da brincadeira. Se utilizando de indumentária vinda do próprio universo do "brinquedo", para facilitar a construção de imagens em sua imaginação, na tentativa que possam trazer para próximo de sua realidade, fazendo comparação com manifestação do seu meio sociocultural.

Quando estou ensinando o Cavalo Marinho, não só estudamos o Teatro/Dança/Música/Literatura, mas tentamos entender o sentido da vida sociocultural do "brinquedo" e interligando com o cotidiano sociocultural e histórico em torno da escola, no convívio dos alunos. Para que possamos quebrar o "campo", como explica o psicólogo social Kunt Lewin (1890-1947):"Só compreendemos um sistema quando tentamos transformá-lo",

para assim romper com o “campo”, se referindo ao meio psicológico em que o indivíduo ou grupo se encontra.

Na ideia do autor, se conseguimos quebrar esses “campos sociais”, acontecerá o que chama de “descongelamento”, os indivíduos ou grupos aprenderão outras habilidades ou a “aceitar todo um novo conjunto de crenças”. Uso essa reflexão da psicologia social com a hipótese que os alunos conseguem romper com o “campo”, reconstruindo um entendimento de si e do outro. “Nós precisamos uns dos outros. Esse tipo de interdependência é o maior desafio imposto à maturidade do indivíduo e do funcionamento do grupo” (CLARA M. e ANA LUIZA *apud* KUNT LEWIN, 2016 p. 221)

Partindo de falas dos Mestres que ligo com minha realidade social, que traz uma identidade cultural, passada pelos meus ancestrais, tento desconstruir o pensamento estético de “feio/bonito” e “certo/errado”, no contexto da aprendizagens das “pisadas” ou melhor no descobrimento corporal dos movimentos estéticos da dança do “Cavalo Marinho” e uso uma fala que sempre ouvi do Mestre Lelé, “cada corpo tem o seu jeito, esse jeito vai trazer o jeito de se brincar o Cavalo Marinho”.

Em outras palavras cada pessoa tem sua característica corporal, tudo surge a partir do seu entendimento do seu próprio corpo. Em uma das minhas aulas na turma do 3º C, um dos alunos olhou para o outro e disse que estava fazendo “feio” as “pisadas soltas” e afirmou que por isso estava fazendo “errado”, usando como parâmetro a minha corporeidade, “olha para o jeito do professor dançar”. Isso causou constrangimento no aluno que estava dançando do jeito que o seu corpo estava entendendo aqueles movimentos, ele parou de dançar e se sentou.

Parei a aula, usando a fala do Mestre, expliquei que cada pessoa tem a sua maneira de aprender o novo conhecimento, que na minha concepção de ensinar não existia o “certo” e nem o “errado”. Naquela ocasião éramos todos organismos aprendendo a lidar com o nosso corpo, experimentando posturas/gestos/canto/locomoção novos no entendimento de sua realidade sociocultural. Finalizei dizendo que mesmo se conseguissem reproduzir no seu corpo a forma na qual estavam vendo no meu corpo, ainda não seria igual, pois cada um traz no seu organismo sua particularidade, facilitando a troca de experiências no seu meio social.

Em seguida lancei um desafio depois de ensinar três pisadas: qual é o seu jeito corporal de entender as pisadas do Cavalo Marinho? Com essa pergunta peço para experimentar livremente pela sala por uns cinco minutos. Depois sugiro que escolha uma “pisada” para que possa ensinar para a turma. Assumindo minha função de professor por alguns minutos, orienta a turma a se guiar pelo seu corpo, sobre a minha orientação. Essa

experiência é vivida por cada aluno. Se o tempo da aula não for suficiente deixo para a próxima aula.

Esse método inspirado no ensino dos Mestres, “aprender praticando”, fala essa usada pelos mestres e folgazões para orientar o aprendiz durante uma “sambada”, nos ensina o valor de repassar o conhecimento para o outro, como uma troca de experiência de vida. O mais velho repassa o seu conhecimento para o novo, com o intuito que o novo um dia possa repassar os seus conhecimentos a partir da sua prática.

Tento trazer na minha prática de Ensino do Cavalo Marinho, uma socialização entre o universo popular sociocultural com a realidade dos aprendizes, no intuito de partilhar de conhecimentos vividos tanto na prática quando na teoria. Através de recursos midiáticos e o conhecimento do seu próprio “eu” e no entendimento do “eu” do outro. Que as boas relações possam transportar, além dos muros da escola e transformar um pouco o meio social da comunidade e nas relações interpessoais.

Na minha avaliação desse processo, consegui ver na prática do Ensino do Cavalo Marinho dentro da Escola Municipal E. F Castro Alves, crianças que nos seus discursos traziam pensamento de grupos rivais e conflitos para dentro de sala, brincarem Cavalo Marinho juntos, sem rivalidade e nem violência. Experimentando o seu jeito de brincar com o jeito de brincar do outro. E muitas vezes orientar para o caminho certo da “pisada”.

Deposito minhas esperanças na educação para que no futuro possamos gerar adultos melhores, que na sua visão de mundo tentem trazer na sua prática, um mundo menos desigual, onde as pessoas tenham o direito de ir e vir, sem que sua cor, seu cabelo e seu jeito de ver o mundo, não sejam tratados com interferência no seu “campo” do conhecimento.

CONCLUSÃO

Com as experiências vividas durante a construção desse material, dentro da própria manifestação Cavalo Marinho e por intermédio das entrevistas e conversas constantes com os Mestres Pinto e Pedro Luiz, pude perceber ainda mais, a sua importância para o meu aprimoramento, prática e transmissão do conhecimento sobre o Cavalo Marinho e principalmente, dentro de espaço formal. Passei a conhecer mais as histórias dos meus antepassados e podendo me auto afirmar pertencente ao brinquedo Cavalo Marinho.

Esta pesquisa me levou a mergulhar nas histórias dos meus antepassados. Em uma noite que cheguei na casa dos meus pais, perguntei a meu tio se ele tinha dançado ou visto muito Cavalo Marinho na sua mocidade, a resposta foi:

> Vi muito. Nos terreiros dos engenhos que a gente vivia, era noite de festa! Nosso lazer depois de um dia de trabalho, e só acontecia no final de semana, mas nunca brinquei pois os patrões da gente não deixava, eles tinham nossas escrituras poderíamos apanhar ou ficar sem receber o vale compra, se fôssemos vistos brincando em uma noite de festa, e a gente não podia fazer nada eles era nosso dono. (MANUEL JUSTINO FERREIRA, DEZEMBRO 2019)

Nessa conversa descobri que em 1964, minha família por parte da minha mãe, vivia em situação de escravidão, trabalhavam para comer e em noite de festa não podiam participar da "vadiagem" palavra essa pronunciada pelos seus donos, pois poderiam receber forte represália dos seus patrões. Foi por meio dessa pesquisa que fiz essa descoberta e passei a entender por que, as vezes que perguntei para minha mãe ou para o meu tio sobre como tinham sido sua infância as respostas eram a mesma "foi muito difícil".

Com o envolvimento nessa pesquisa pude conhecer essa outra história dos meus antepassados, mas não só me fez me reconhecer, aprimorou os meus conhecimentos em torno do brinquedo Cavalo Marinhos e, principalmente, o que era visto pelos meus pais e avós. Todo seu contexto socio histórico e suas ferramentas pedagógicas que vi nos ensinamentos dos Mestres, que primeiro passam o valor e a importância da vida em comunidade.

Trabalhando ritmos, danças, poesias e literatura oral, nos educando para sermos um adulto melhor, nos mostrando o espelho do passado, os tratamentos dos patrões e as inteligências dos operários para sua sobrevivência ao trabalho duro. Se utilizando de muita sagacidade e comicidade, trazendo arquétipos do passado que entrelaçam o presente vivido dentro de comunidade periférica, sendo nas grandes cidades como as dos interiores.

Aprimorei a minha prática pedagógica social, no entendimento da matéria arte, que pode envolver Arquitetura, Pintura, Escultura, Música, Literatura, Cinema e Artes Cênicas (envolve o Teatro, a Dança, o Circo e a Performance), consigo ver todas essas dimensões dentro da manifestação cultural Cavalo Marinho, dentro de sua prática pedagógica. Esse conhecimento pode ser trabalhado dentro do ensino formal, se utilizando do que o brinquedo nos proporciona no seu fazer artístico, podendo ir muito mais além, para as fronteiras socioculturais.

Concluo dizendo que essa experiência é para toda vida, que diluída dentro do campo educacional, pode ser uma ferramenta fundamental para o entendimento sócio, político, cultural de um povo. Reeducando e proporcionando o entendimento de "si" e do meio em que vive, assim, construindo o respeito para com o outro. Para podermos caminhar para uma sociedade em que a desigualdade não seja tão grande.

Consegui ver na pedagogia na qual o Mestre Pedro adota, no meu entendimento, parte do audiovisual, recurso de imagens e vídeos para que os seus aprendizes possam ter uma ideia de como se brincava o Cavalo Marinho, demonstração técnica do movimento corporal, trazendo para próximo de seu aluno, os andares e os trejeitos que as figuras se comportam em cena e, por fim, a oralidade quando se vai passar as falas/loas /toadas das "figuras".

Busca sempre escutar os aprendizes e percebê-los durante as suas vivências da transmissão do Cavalo Marinho, dependendo da dúvida que possa me colocar em frente ao aluno e repetir os movimento da "pisada/trupés/carreira" lentamente diversas vezes para que o aprendiz ative os neurônios espelhos, aprenda mais rápido e com mais facilidade os movimento dos "trupes" ou "pisadas", que esteja sendo aprendida.

Apreendi, ao ver a pedagogia do Mestre Pinto, a sua forma bruta e ao mesmo tempo atenciosa de ensinar para quem quer aprender a sua Cultura. Pegar nas mãos quando houver dúvida, olhar sempre nos olhos quando estiver ensinando, passando algo novo. Prestar atenção no espaço, na locomoção do indivíduo, projeção de voz, entender o tempo e a corporeidade do outro, sem julgamento, entendendo que é errando que se aprende.

Quando julgar o caminho errado na aprendizagem do outro, mostrar sempre a solução ou um caminho para chegar nela. Falar especificamente para quem estiver descompassando na hora do exercício, uma conversa no "pé do ouvido", para não expor quem está experimentando pela primeira vez no seu organismo aqueles movimentos ou conteúdos. Dar funções de lideranças para já ir construindo futuros cidadãos responsáveis pela sua vida, a vida do outro e a cultura dos antepassados, sabendo sua história e respeitando a história do outro.

Fico muito realizado com essa pesquisa pois consigo me ver no meio cultural que neguei até os 16 anos. Tinha na minha visão como espaço marginal, agora vejo como um espaço revolucionário de construção de “atores sociais”, uma linguagem que chega mais próximo do povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CLARA, M. Hermeto e ANA, Luisa Marins, **O livro da psicologia.** [Tradução Clara M. Hermeto, Ana Luisa Marins]. 2ª Ed. São Paulo:Globo Livros, 2016.

CONCEIÇÃO, Osvanilton de Jesus. **Gingas de corpos em festa:** o jongo e o mergulhão do cavalo marinho em articulação teórico-prática para uma atuação no teatro de rua, 2016.

GUARALDO, Lineu Gabriel. **Na mata tem Esperança!** Encontros com o corpo sambador no Cavalo Marinho. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

IBGE. https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/pedras-de-fogo/panorama>acessado: 26.02.219.

KOTHE, Flávio R**.** Arte e Ideologia. **Revista Estética e Semiótica.** Brasília. v.4. n.2. p.129-138. jul/dez 2014.

LARANJEIRA, Carolina Dias. **Corpo, Cavalo Marinho e dramaturgia a partir da investigação do Grupo Peleja.** Campinas, SP: [s.n.], 2008.

LEWINSOHN, Ana Caldas. **O Ator Brincante; no contexto do Teatro de Rua e do Cavalo Marinho.** / Ana Caldas Lewinsohn. Campinas-SP: [s.n.], 2009.

LOLE, Ana (org). **O fermento de Gramsci na nossa filosofia, política e educação.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

MESTRE João: 60 anos de cavalo Marinho. **No Minuto.** Disponível em:http://www.nominuto.com/noticias/ciencia-e-saude/mestre-joao-60-anos-no-cavalo-marinho/7687/.>Acessado em 04 de agosto 2019.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na Escola:** questões sobre culturas afrodescendentes e educação**.** São Paulo: Paulinas, 2007.

SIVADON, Paul. **Corpo e Terapêutica:** uma psicopatologia do corpo. Campinas-SP: Papirus, 1988.

SPERBER, S. A quête e o "Cavalo Marinho". **Plural Pluriel**, n. 17, 10 mar. 2018. Disponível em https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/122

ENTREVISTAS:

FILHO, Pedro Luiz da Silva. Entrevista a Joelson Pereira da Silva. Itambé/PE, Janeiro/2019.

SILVA, João Tavares. Entrevista a Joelson Pereira da Silva. Pedras de Fogo, Novembro a Dezembro /2019.

Sambada do Cavalo Marinho Boi Maneiro no Engenho Pangauá, distrito de Itambé/PB. Abril/2019.

Mestre Pinto Orientando na “Carreira” coreografia da dança dos Arcos - Engenho Pangauá, distrito de Itambé/PE. Abril/2019.

O Mestre recebendo a figura do Mestre Ambrósio, no "Terreiro" de sua "Barraca". Outubro/2018

Mestre Pedro Luiz passando o "Primeiro Pilar", a Música em sua Aula de Cavalo Marinho. Outubro/2019.

Mestre Pedro Luiz. Explicando sobre a visibilidade dentro do boi do Cavalo Marinho. Outubro/2019.

Mestre Pedro Luiz dando outras referência de olhares sobre o Cavalo Marinho, em sua aula. Outubro/2019.

ROTEIRO DE ENTREVISTA. PISADA DO CORAÇÃO: O ENSINO DOS MESTRES DE CAVALO MARINHO DAS CIDADES DE PEDRAS DE FOGO – PB/ITAMBÉ – PE.

1º- Fale seu nome completo, data de nascimento, idade e conte um pouco da sua história e onde nasceu.

2º - Como o Cavalo Marinho chegou até você através de quem? E Como você aprendeu o brinquedo: indo para as brincadeiras para observar ou indo na casa de um mestre para ser treinado?

3º - Quanto tempo levou brincando para se tornar Mestre?

I. Começou brincando de "Daminha" até se tornar Mestre?
II. Você lembra quem foi o primeiro Brincador ou Mestre que fez o primeiro Cavalo Marinho em Pedras de Fogo e em Itambé?
III. Qual era o sentido que a brincadeira trazia para acontecer?
IV. Quem contratava a brincadeira, e quais os períodos que o Cavalo Marinho mais se apresentava na cidade?
V. Qual foi o período em que você se deu conta da transformação do Cavalo Marinho, e se houver, que figuras, pisadas(dança), loas (poesia) e toadas (música) se transformarão com o tempo?

4º - Em que momento do Cavalo Marinho você se viu ensinando?

I. Você pretende ensinar para o seu filho, ou já está ensinando?
II. Qual é a "Pisa", que mais gosta de ensinar?
III. Qual foi o seu primeiro professor, se houve, ou aprendeu observando?
IV. Teve algum momento que pensou em parar de brincar o Cavalo Marinho?

5º - As histórias que acontece no enredo do Cavalo Marinho são reais, contadas por quem?

I. Sabe que ano foi feita a primeira brincadeira que aconteceu nas redondezas de Pedras de Fogo e Itambé?

II. Relate no seu ponto de vista quantas pessoas são necessárias para montar um Cavalo Marinho, desde a confecção do material até o brinquedo pronto?

6º Como é ensina o Cavalo Marinho? Com quem você aprendeu? Quem foi o seu primeiro aluno?

ENTREVISTA COM MESTRE PEDRO

Pedro Luiz da Silva, nascido em 29 de Junho em 1991, tento hoje a idade de 28 anos, pai de três lindos filhos, dois dos seus filhos moram com sua primeira companheira e o seu filho mais novo com ele a sua companheira.

O erro foi ter se organizado como continuação um pouco tarde, porque quando a gente chegamos nessa cena de Cavalo Marinho, até então éramos apenas um projeto social, mas quando surgiu a vontade mesmo de fazer, de pesquisar na cidade, ver quem estava ainda fazendo, quem já tinha falecido e quem não brincava mais, já foi um pouco tarde, a gente já não alcançou Barão. Que era na realidade o banqueiro do Cavalo Marinho, enquanto o Mestre Lelé, era Figureiro. Que a figura mesmo de seu Lelé é figura. Quando teve essa interrupção como é de praxe todo mundo do Cavalo Marinho sempre saber a função do outro, então ficou aquele vazio.

Por algum fato que não sei explicar, o que foi, e acredito também que foi pela quantidade também de folgazão, mas antes de tudo existia outro Cavalo Marinho de seu Lelé. Era antes de Mestres João, porque na realidade seu João é uma figura importantíssima dentro da Cultura Popular aqui da Cidades mesmo porque, ele era um camarada, ele sempre era instigado a fazer um algo, porque a família dele era mestre de cerimônia, naquela época não tinha, MC essas coisa não, era mestre de cerimônia de brincadeiras, então o pai dele era sanfoneiro, então ele já vem com essa linha de forró de baile, e a família dele mexia com som de festa, que nessa época ja se brincava nos melhores lugares, já tinha já aquele sonzinho mesmo que pebinha analógico, mezinha de som e talvez outro receptor, mas já tinha já essas coisas, entendesse? Ai que dizer! Ele já estava dentro dos bailes da cidade, ele já fazia a cultura da cidade. Agora de outra forma até chegar o momento que ele ficou mais maduro e começou a se acompanhar com pessoas como seu Lelé para fazer Cavalo Marinho, ai através de seu Lelé conheceu aí o Cavalo Marinho de seu Lelé que era um Cavalo Marinho chamado Malabá.

E através desse Cavalo Marinho com seu Lelé, ele conheceu também Duda, entendesse? Seu Duda Bilau, conheceu também Luiz Miguel através de seu Duda Bilau, que Luiz Miguel é sobrinho de Duda, conheceu também Barão que era banqueiro. E Lelé já tinha Cavalo Marinho nessa época, mas eu acredito que o Cavalo Marinho de Lelé acabou, pela questão de folgazão mesmo, porque a maioria dos folgazões uns foram viajar para outras cidades. Aconteceu mesmo com Totoinho, ele começou no Cavalo Marinho há um bom tempo atrás, só que interrompeu essa brincadeira de Cavalo Marinho para ir pra São Paulo ou

foi pro Rio, e lá ele passou 20 anos. Então foi 20 anos desativado do Cavalo Marinho, que dizer, quem estava nessa época aí, segurando essa banca, e passaram 20 anos. Então era Barão que estava nessa história.

Barão ia fazer em Ferreiros/PE, fez Cavalo Marinho em Camutanga/PE, em Aliança/PE. Montaram-se três trios na época; antes era Barão, Duda Bilau e João Alexandre. Não sei, não sei! Mas Barão era muito conhecido! É tão conhecido que em Ferreiro/PE tem rua com o nome dele,"Barão de Itambé". E era pelos que ele brincava, os terreiros onde eles brincavam.

Na época que o Malabá o Cavalo Marinho de Mestre Lelé, tinha acabado ou paralisado ou algo assim, ninguém sabe, foi o momento onde ele sentia a necessidade de fazer Cavalo Marinho também. Então tem várias gravações aí, em documentos que é "Duda Bilau em Condado/PE", "Duda Bilau em Chã de Camará", "Duda Bilau em Aliança", mas alí era na época em que o Cavalo Marinho de seu Lelé tinha enfraquecido pela falta de brincante, então essas quatro pessoas que as vezes iam mais, iam para essas cidades, brincar nesses lugares. Levantou na época o Cavalo Marinho de seu Inácio. Já conversei com seu Inácio em uma pesquisa, e seu Inácio falou que, "Começou a brincar Cavalo Marinho através de seu Duda, ele entrou na família de seu Duda, parece que foi com a sobrinha de seu Duda". E começaram a brincar por ali, e desfizeram a família e seu Inácio sempre foi daquelas bandas ali de Ferreiro/PE e Camutanga/PE.

Nessa época eles iam para os Cavalo Marinho, as vezes eles iam para esses Cavalo Marinho e levavam as famílias, então as famílias se encontrava, acontecia dessas coisas. Então era quatro pessoas que tava. Eu lembro também que quando o banqueiro Barão faleceu, quem assumiu o lugar dele, já foi tempo também de Totoinho voltar. Quando Totoinho voltou. Totoinho ainda acompanhou essas idas ainda. Levantou muitos Cavalo Marinho, ele diz assim com essas palavras mesmo, que levantaram. Porque até então também, naquela época os Cavalos Marinhos de lá também estava se acabando, entendesse? Até então aqueles Cavalo Marinho estava se acabando, e juntava e era um quarteto que saia daqui. Agora depois Mestre só... eu costumo sempre falar que tendo um Mestre bom no Cavalo Marinho, ele já é metade do Cavalo Marinho, porque ele carrega todo conhecimentos, mesmo que ele encontre um folgazão que não tenha o conhecimento, mas através de um ensaio e de outro, o folgazão vai entender qual é o trançado do Cavalo Marinho e se permanece a noite toda de Cavalo Marinho como antes.

Mas o importante mesmo era o que saia daqui. O que saia daqui? Era o que montava-se o Cavalo Marinho, saia daqui: Mestre Duda Bilau, que era Mestre de Cavalo Marinho

afamado na região, e sabia de tudo sobre Cavalo Marinho; saia daqui Barão, que era um banqueiro, então já saia daqui a Música e todo que iria acontecer e saia daqui Lelé, que era Figureiro para toda hora, aí que dizer, saia daqui um Cavalo Marinho, era umas quatro pessoas que saiam daqui e lá juntava-se com integrantes também que já brincava e talvez também tinha esse material, que eles sempre iam para os Cavalo Marinho dos outro, durante um bom tempo, mais de 20 anos eles passaram assim, quando terminar desse Marabá.

Aí Chegou um tempo, que continuaram brincando, até seu Araújo monta o Cavalo Marinho, ai quando o seu Araújo montou o Cavalo Marinho, montou naquele mesmo seguimento, Barão já não existia mais, já tinha falecido nessa época, aí pegou Mestre Lelé que era o mais antigo Figureiro daqui da cidade, pela necessidade de não ter banqueiro colocou ele para fazer banco, do lado colocou o pai de Zinho que respondia bem, que na realidade aquele cara era batedor de Ciranda, cantador de Ciranda junto com a família dele. Aí como ele tinha uma voz bonita que combinava... ele tinha uma resposta também para andar com os Índios, ele sempre fazia resposta. Tinha a voz bonita foi por banco de Araújo, para o banco de seu Araújo esse senhor, já chamou seu filho Zinho também para balançar o ganzá, aí Mestre Duda Bilau foi mestre do Cavalo Marinho dele, e como seu Araújo já era tocador de rabeca o banco já estava montado.

Aí o que acontece, quando o Mestre Duda Bilau entrou na história, Mestre Duda Bilau já trouxe com ele; João Alexandre, que é da sua família; trouxe com ele na época que estava aprendendo Luiz Miguel. Da família de Mestre Pinto entrou: Pinto..., a até então Bi brincava de dama e Benedito de dama também, isso eu estou falando sabe de quando? Estou falando de 87... aí depois de um tempo veio Toco para brinca no Cavalo Marinho de seu Araújo aí fundaram um Cavalo Marinho. Lembrando que esse Cavalo Marinho aí que hoje se diz que é de Pedras de Fogo, porque é o Estado Civil que o rabequeiro dono do Cavalo Marinho mora, mas lembrando que esse Cavalo Marinho também é de Itambé, porque ele foi fundado com as pessoas que estava fazendo o Malaba um tempo atrás.

Quando a gente passa para ver o Cavalo Marinho que acontecia na Zona Rural de Pedras de Fogo, já é outros quinhentos. Os de lá, já é o que Cavalo Marinho que acontecia em Mata de Vará, aí já tem ligação com os meus antepassados, o meu avô o pai do meu pai, ele era mestre de Cavalo Marinho. A mãe do meu pai faleceu certo, minha avó, o meu pai ficou só com o pai dele durante muito tempo, e o meu pai sempre falava que ele era mestre de Cavalo Marinho, ele que puxava os arcos, que antigamente não existia o dono do Cavalo Marinho não era quem tinha o material não. Era quem organizava, cada um que montasse o seu material, sua roupa, seu chapéu da forma que você achasse melhor, por que naquela época

era um divertimento, como se fosse uma roupa de São João, que você montava a sua roupa e vinha na rua, comprava naquele mesmo seguimento da brincadeira, nas mesmas cores, nos mesmo traçados e cada um montava e levava.

O pai do meu pai, era puxador dos arcos e recebedor das figuras, esse Cavalo Marinho acabou, a partir de um dia que um cara matou outro dentro dele, o meu pai toda vez contava essa história, " que o meu avó brincava sempre o Cavalo Marinho, mas teve uma dia que, teve un dos integrantes fez alguma coisa, assim, não sei se era de errado, mas foi alguma coisa fora do Cavalo Marinho, e quando foi naquele encontro, naquela noite, o cara veio e resolveu os problema que era do lado de fora da brincadeira, dentro da brincadeira atingindo um cara com um tiro de doze, que finalizou a brincadeira ali". O meu pai disse, que alí ele não brincou mais não, não quis brincadeira mas não e levou a vida assim.

Vô Biu, ela não brincava dentro do folguedo, ela já era de terreiro, a minha vó tinha um cargo de, como se fosse uma e quede um candomblé, que cuidava de plantas. Ela participava de uns terreiros de umbanda e tinha esse cargo, se casou com o meu avô Bica o pai de minha mãe, depois não deu certo o casamento e aí se separaram. Aí ela teve um relacionamento único e duradouro até o fim da vida dela, que foi com Duquinha, já é irmã de Lelé, cunhado de dona Senhorinha. Só que o meu avó de criação Doquinha já não era do Cavalo Marinho, ele já era do Coco, Eu lembro até de uma passagem muito bonita, que eu tenho junto com ele, "que uma das primeiras músicas que ouvi na minha vida foi o embolador de coco, que eu gostava das formas que os cara, fica imaginando como os cara conseguia rima, fazer essas coisa todinha sabe! E ele comprava umas fitas daquelas, que vinha em uma caixinha de plástico, e me ensinava a toca pandeiro ali". E ele me ensinou assim a toca e fazer umas emboladas e repeti as coisas que os cabras estava fazendo no rádio, na época aqueles rádios que pegava fita. E uma das finalizações que tive com ele, foi que ele estava velhinho já na época e ele falava para todo mundo nesse período, nessa semana que ia volta com o coco.

Agente já conhecer no sub consciente, porque assim o projeto veio para ensinar Cavalo Marinho. Mas se fosse em qualquer outro lugar, talvez não tenha dado tão certo como deu aqui, porque Capitu (Geraldo Pereira da Silva), era um dos comerciantes e empresário da situação que pagava para ter essas Brincadeiras, que fazia que movimentasse, isso tu ta ligado que pegava da rua da sua casa subindo alí, lá perto da sede da Portuguesa (Time de futebol conhecido na cidade, e foi patrocinado por muito tempo pelo poder público), os Cavalo Marinho da cidade acontecia ali, acontecia também naquele beco descendo para rua da Areia, voltando tinha Miliosa que tinha Cavalo Marinho e tinha Ciranda.

Que dizer, a gente tá tão interligado assim, porque a minha mãe quando tinha um Cavalo Marinho estava lá dentro, não estava brincando mas com certeza que o círculo de amizade artística que estava rolando ali dentro, era o mesmo círculo de amizade que minha mãe conhecia, que tua mãe conhecia e que teu pai conhecia, são pessoas que estavam ali, que mesmo quando não tinha Cavalo Marinho iam lá, jogo no cassino, e também o teu pai tinha um cassino. Então que dizer, no meio de um jogo, no meio de um baralho, no meio de um negócio, se falava sobre o Cavalo Marinho e agente estava presente, por isso quando o projeto veio a gente conseguiu, os cara que veio passar essa informação para agente, eles só fizeram mesmo, foram clarear as ideias, porque agente conversando dentro de casa, a gente estava falando sobre propriedades que já era nossas já.

Quando eu comecei a ter esse entendimento, eu falei não, vou parar de ver DVD (se revere ao DVD do Cavalo Marinho Estrela de Ouro, Mestre Bio Alexandre- Cidade de Condado/PE), vou começar a parar de pesquisar isso fora da cidade, eu preciso agora é conversar...Eu fui ter essa ideia já era com que, os meus 16 anos, ou 17 anos por ai, foi um tempo depois que o projeto ter acabado, o projeto é de 2006, né isso? Assim que o projeto acabou que a gente não tínhamos mais viagem pra canto nenhum. Era por aí era 17 anos por ai, estava quase ficando de maior já, eu falei não vou deixar de pesquisar, porque eu viajava muito parar.., é que depois de Aliança tem um lugarzinho, chamado de Tupaoca, que lá eu conheci Luiz Rodinha que era Figureiro lá daquelas banda, conheci Marcelo, que me levou nas casas dos Mestres de lá.

Na prática foi assim ó! Até então a gente sabia só, a parte de fora do Cavalo Marinho, por cima, o projeto nos ensinou assim dessa forma, depois que a gente começa brincar Cavalo Marinho fazendo apresentações, cada vez mais sentindo mas vontade de passar mais tempo, mas não tinha como passa mais tempo com o Cavalo Marinho, brincando sem ter o conhecimento do que era a brincadeira realmente. Aí foi quando eu comecei a fazer essa pesquisa que estou de dizendo, essa pesquisa já vem já, quando eu vim da conta que era para fazer alguma, pesquisa por aqui já tinha já passado bastante tempo já.

Até então como comecei sobre Cavalo Marinho, ver o que tinha na cidade, na minha cabeça naquela época não tinha muita coisa e fui pesquisando fora da cidade, depois foi que vim nessa minha vida por dentro eu tive contato direto com Mestre Nezim, ele foi um mestre que me ensinou como era o Cavalo Marinho, como era divido as Figuras, mas umas das coisas que mais canalizei dele e que eu sabia que ali era área dele, era a estética do Cavalo Marinho. Porque não está só no material de fazer, mas sim na forma de se montar, então ele foi para dentro da mata comigo para buscar biriba, cipó para fazer arco, me disse como é que

era que fazia os nó dos arcos, foi para dentro dos mato comigo atrás de massa (Argila mais conhecida na região de massa P) para fazer máscara. Foi ele que uma vez conversando comigo o fala um histórico dele, falando sobre os Cavalo Marinho da época dele, que era um Mestre, que ele fazia muito essa divisão, ele sempre brincava por aqui, por Pilar. Ele já brincava muito Cavalo Marinho pela Paraíba, em Pilar em nessas redondezas aqui beirando o município de Pedras de Fogo/PB.

Foi ele que a primeira vez riscou no chão, dizendo para mim como se fazia uma armação de um boi, riscando assim no final de tarde, lembro como se fosse hoje, lá na vila ele conversando comigo e riscando assim no chão, dizendo como é que fazia a estrutura de um boi. Aí eu parti para seu Araújo, já com seu Araújo eu já vir, tudo que esse Mestre tinha falado, eu via tudo na prática, porque até então esse mestre me falava mas ele já estava desativado da brincadeira, já não brincava mas, gostava de colocar a Velha Dindinha, ele já em fim de carreira, comecei ai na casa de seu Araújo. O desenho do chão do boi que ele tinha me dito com que era que fazia, eu já cheguei na casa de seu Araújo já vi o boi montado, já via, uns bois também desencapados, e vi que era verdade o que o Mestre me falou e as máscaras que ele falou para mim fazer, eu fiz na época e mostrei para ele falou, "ficou boa, ficou boa", eu vir as máscaras já montada na casa de seu Araújo e como ele fazia, vir os arcos também como ele fazia.

Quando eu montei e consegui montar, porque tudo eu comecei pelos adereços, eu acho que talvez, tenha começado da forma errada a montar um Cavalo Marinho. Mas eu comecei pelos adereços, eu sabia e sei até hoje que o Cavalo Marinho, que faz ele se torna autêntico ou evoluído de mais é os detalhes, são os grandes detalhes. Fazendo o material, ficava pesado, o primeiro boi que fiz ficou muito pesados, mas porque eu pegava também as mesmas informações que seu Araújo passava. Qualidade do boi de Araújo era bom e também era pesada, tinha esse lado meio que ruim porque era pesado, porque era pesado para brincar com ele. Mas eu aprendi a fazer esse boi, aprendi a fazer as máscaras, aprendi a fazer as espadas, aprendi a fazer os chapéus, que seu Araújo quando comprava um chapéu ele aversava dos dois lados um monte de vezes, botava o chapéu no chão pisava o chapéu, pegava tiner passava tiner no chapéu, quer dizer já era um trabalho artístico de envelhecimento do material. O material chega novo aí fica lá, aí pronto, quando ia, olhava o caba falar, oxe esse chapéu faz uns dez anos que brinca com ele, mas não era estéticas que ele via muito isso né?

Aí quando passei para as roupas, isso chapéu também de galante os tradicionais, até hoje eu tenho uma gola que foi de seu Duta, quem me deu de presente foi seu Luiz, uma vez que estava brincando Cavalo Marinho ele falou, "Você merece isso aqui, tome para você",

ele pegou e me entregou, aí eu guardei está em casa. E tinha também um chapéu, que era um chapéu de seu Duda, mas não resistiu muito tempo não, porque na época na antiga casa tinha uma pingueira aí caia mesmo em cima dele, aí derreteu o chapéu todinho.

Depois de fazer o material todinho, senti necessidade de fazer a roupa. Quando fiz a roupa eu procurei os traçados, aí historicamente tem o sangue, a representatividade do sangue dentro da brincadeira que é no Vermelho, coloquei o azul celestial, que é uma parte que fala do religioso e falei do poder aquisitivo da brincadeira que fala sobre galantes, falava sobre posse de terra, aí eu coloquei o dourado e o branco como base. Aí consegui capitar recurso para comprar as roupas e também costura, aí depois de um tempo eu costurei, aí quando tava com o material todo costurado, já as roupas todas costurada, figurino todo costurado e adereço também.

Aí a gente só sabia também brincar só duas horas de brincadeira de Cavalo Marinho, aí foi quando comecei a abrir o leque e todo mundo começou a saber por onde eu andava, aí comecei a andar pra esses lugares com mais pessoas do que andava antes, comecei a juntar, ai nessas andanças foram os meninos e você foi comigo também na casa de Mestre Lelé, andamos muito pela casa de Totoinho, aprendi muita coisa de rabeca com seu Joel, foi o meu professor de rabeca, sim! Até então eu tenho conhecimento de música, e vendo as afinações que era afinações de violinos umas técnicas mais apuradas, estudada que foi com Salatiel, mas onde eu aprendi a tocar rabeca mesmo sem entender de timbre e de som da continuidade desse instrumento foi com o Mestre Joel. Aí seu Joel já falou para mim as vivências que ele tinha brincado, que seu Joel já aprendeu a brincar Cavalo Marinho já tocando rabeca. Especificamente para brincar com o seu Duda Bilau, ele foi um tocador de seu Duda Bilau exclusivo.

Até estranho quando foi pesquisa rabeca, não foi pesquisa rabeca pra deixa ele não fazer nada, queria também que ele participasse da brincadeira, foi daí que ele se tornou meu amigo, foi tanto que consegui esta rabeca que é dele, até hoje a rabeca vive comigo, por não ter pessoa na família que toque rabeca, o único que tinha era Todoinho, mas foi Todoinho mesmo que falou, " olha Pedro ele pediu para me toca Rabeca, mas como eu não sei toca Rabeca, eu sei que nas suas mão está bem guardada, então está com você a Rabeca", e fiquei tocando rabeca, aprendendo tocando rabeca e vivenciando.

E a parti da pesquisa que comecei fazer, foi quando a gente começou a bater de frende com o Cavalo Marinho que Existia, que a gente ia para Casa da Rabeca, e num primeiro ano que agente foi para Casa da Rabeca, agente foi o último Cavala Marinho só para mostra que a gente está forte, sento o ultimo Cavalo Marinho que saiu do Terreiro todos os Cavalo Marinho

acabou. Todo fim de semana a gente estava fazendo Cavalo Marinho aqui na Cidade, a gente estava fazendo Cavalo Marinho tradicional, as figuras vista durante a semana, era ensaiado durando o final de semana, no sábado pela manhã e quando era a noite estava nos terreiros brincando, dá mesma forma que os Mestre tinha ensinado e ainda as participações dos Mestres, os mestres iam lá observar pra ver estava sendo festo a risco.

A gente começou a fazer Cavalo Marinho, 8 horas de Cavalo Marinho agente não fez não, mas a gente já fez 6 horas e meia de Cavalo Marinho agente já fez. O Cavalo Marinho vai mudando, por causa da estrutura dos seus Folgazões, o Cavalo Marinho é composto por corpos. Como os novos folgazões não trabalham mais no pesado, a sua resistência diminuindo. Ai com as horas brincada também diminuíram os corpos não aguenta mais oito horas brincadas.

ENTREVISTA COM MESTRE PINTO

João Tavares da Silva, mais conhecido como Mestre Pinto, nasceu em 06 de fevereiro de 1962, tendo hoje a idade de 57 anos. Nasceu no engenho São José, hoje morando da travessa da Rua Santo Antônio (Rua da Palha). Começou a brincar Cavalo Marinho de Dama no tempo do Mestre “Vaguim Chagar”, quando tinha apenas sete anos de idade. Depois, passou a brincar com o Mestre “Nerzinho” de galante em seguida junto com Mestre Duda e Lelé no Cavalo Marinho de Mestre João Araújo. Em 2012 veio se tornar Mestre do Cavalo Marinho Boi Maneiro.

Aprendi brincar Cavalo Marinho andando mais meu pai de criação, o meu pai foi quem me criou. Ele brincava de catita de Cavalo Marinho, andei em todos os Cavalo Marinho. Ele me levava, antigamente era no sítio, quando ia para o sítio brincar Cavalo Marinho mais meu pai, pai brincando e eu olhando, eu olhando o que ele fazia. Comecei a aprender, passei para brincar de dama, de dama passei a brincar de galante, hoje sendo mestre de Cavalo Marinho.

Era pequeno ainda quando o meu pai, levava a gente pra samba e colocava agente no meio da brincadeira, ai agente não tinha com quem ficar tínhamos que ir, era uma festa muita gente, ai pai saia para se vesti e bebe uma, ai quem cuidava era os meninos da que brincava, ficava pulando no meio e dentando emita o que os brincalhão fazia, aquelas pisada sabe! os trupes, aí quando entrava a primeira figura ficava no pé o banco era quando via o meu pai com a cara pintada de carvão e com vestido de mulher, e com cuidado em mim para ninguém me carregar embora. Era assim que eu fui aprendendo as doadas e as loas do Cavalo Marinho.

Fui ficando aí entrei para os aico sendo Daminha, no tempo de Vaquim Chagar, era um mestre bom da região me ensino muitas coisas, a dizer os versos e não ligar para o que o povo dizia de um menino vestindo roupa de menina. Aí brinquei bem muito tempo, aí foi o tempo que meu pai foi brincar no Cavalo Marinho do Mestre Nerzinho, aí eu não quis mas ser Daminha e passei a brinca de Galante, foi nesse tempo que foi me dizendo para colocar figura, ia colocando aqueles figura que não tinha muita loa, figura fácil sabe! Aí eu já era adolescente.

Foi o tempo que conheci o Mestre Lelé e o Mestre Duda, aí foi que aprendi mesmo a colocar figuras grande como o Valentão e o Caboclo de Oruba, esse é quem me rege cuida de me e do meu povo, foi tempo que Lelé virou o meu Pai de Santo cuidava da minha espiritualidade, me dava banho e cuidava da minha matéria e do meu espírito sabe, foi quando domei gosto para colocar o meu Caboclo da Jurema dentro da brincadeira sobre a orientação do meu Pai de Santo, quando colocava ele sempre estava perto e não deixava nada acontecer de ruim comigo e nem que estava perto sabe! É a figura que mais gosto de colocar quando estou no meio do samba.

Não sei explicar sabe! É de nascença, já nasci com ele e o mestre Lelé me ajudou a lida com meu caboclo da jurema, quando chegar não eu, ele toma conta do meu corpo fazendo eu pisar no vidro, a deita no vidro e a comer gilete, faço tudo isso não me machuco por é ele não eu. Quando está presente eu sei de tudo que pode acontecer naquela noite e já me precavenho e dependendo já aviso a o banco e os brincalhões para colocar o boi, não sei explicar mas quando eu entro na toda eu já saio com essa coisa e dependendo mandou parar a brincadeira na hora. É tudo sabedoria dele sabe!

As coisas muda, as coisas muda porque Cavalo Marinho não é do tempo de agora, é do tempo atrás, o Cavalo Marinho tem que chegar logo os Mateus para depois chegar o Ambrósio, antigamente, vinha logo o Mateus, hoje está se colocando o Ambrósio na frente, isso não existe não. Toda vida vem logo o Mateus, e depois vem o Ambrósio para vender a figura. O meu pai dizia sempre depois do café ou do almoço que o Cavalo Marinho é do tempo dos reis, que era para os negro não esquecer como era a vida no campo, aí dizia que cada passagem era um acontecido que tinha acontecido com alguém daquela época. Vida difícil para quem era negro e vivia do trabalho do campo, se reclamasse era pau e não tinha o que fazer não.

Primeiro o Mateus, vem o Ambrósio, vem o Soldado, vem os Aicos, depois dos Aico vem o Valentão, vem o Cavalo, depois do Cavalo vem o Pataqueiro, depois vem o Caboclo de Orubá, vem o Pisa Pilão, vem o Mané Chorão, vem o Bicheiro, vem a Margarida e vem seu

amo o Mané Piquinino, vem a Ema, vem a Burrinha, vem a Onça, vem o Babau, vem o veio Joaquim da Velha, vem a Mãe Dindinha, Vem o Mané do Moto, vem a Nega da Garrafa, vem o Mestre Domingo, vem o Parece mas Não é, vem o Penar de Pau, vem o Padre, vem o Morto Vivo, vem o Diabo, vem o Vaqueiro, vem o boi e vem o Doutor, tem mais porque a minha memória já não lembra mas sabe!

Agente gostava de Cavalo Marinho, o povo participava do Cavalo Marinho, se você quisesse ter um na sua casa você chamava para brincar, a gente ia, assim no tempo da sequidão, sem ser de inverno, por que o tempo de inverno não é bom para brincar Cavalo Marinho não, você conhece Cavalo Marinho você chamava para brincar uma noite a gente brinca, hoje em dia o povo não gosta mais de Cavalo Marinho. É difícil de gostar, a gente passa tanto tempo sem brincar que quando vai falar em Cavalo Marinho sai todo da memória. A gente vai se esquecendo do Cavalo Marinho, esquecendo das loas, das vozes do Cavalo Marinho.

Antigamente quem ajudava um pouco sabe! A brincadeira era os donos de barracas e de jogo de bozó, deu pai mesmo era um deles, quando precisava chama gente para o seu jogo contratava agente para brinca no seu terreiro tava um refrigerante um pão com salame e um dinheiro para a junta no matéria, porque precisava de concerta alguma coisa já tinha aquele dinheirinho. A gente brincava toda quinzena porque era o dia de pagamento aí tinha dinheiro para gasta ainós fazíamos sempre as festas desse povo, era bom demais.

Antigamente na rua onde deu pai mora, era toda de barro vermelho, na esquina da sede da Portuguesa, mas conhecida com esquina de Lau, tu não era nem nascido ainda. Ali era onde aconteciam as sambadas de Cavalo Marinho até o raiar do dia. Diz os mais velhos que uma noite de brincadeira, a gente era jovem ainda não me lembro, mas o Mestre Léle era que sempre contava essa estória para gente, chegou um camburão com dois policiais dentro, era um rural velha. Assim que os Mateus entraram pra fazer empeleitada com o Capitão. Esses camaradas dizem que vai acabar a brincadeira na tapa, aí o Sebastião saltou do lado e disse "só se for homem para acabar com a brincadeira", e aí o Mateus e o Sebastião se agarram com os dois policias e o cacete comeu no centro, os camaradas entraram da rural em cima de vaias e gritos do povo e foram embora e a brincadeira comeu no centro

Aí a gente aprendia durante a brincadeira, era do mesmo jeito que nos ensinava para quem tava chegando e queria aprender o que era o Cavalo Marinho. Hoje a gente vê muita gente fazendo a brincadeira, tem até DVD, mas antigamente a gente aprendia no samba a colocar figura no dia que iria brincar. Fui ficando por ali, olhando! Olhando! Brincando no

meu cantinho como Dama, até que me deu aquela vontade de colocar uma figura, aí eu disse Mestre vou colocar o Mestre Ambrósio na brincadeira de hoje, viu!?

Olhe, Cavalo Marinho se aprende olhando, escutando o que os mas velho tem para dizer, no pé do banco e indo para o samba na noite de sambada e entra e não ter vergonha o que vão fala de você por aí, dançando e cantando do seu jeito que depois de um tempo que você ver já está colocando figurou ou respondendo o bandeirista e dentro da brincadeira com toda gota, só aprende assim meu filho.